

N.º 574 • ANO LII
JUNHO 2022 • MENSAL • € 1,50

Revista da **ARMADA**



DIA DA MARINHA

FARO 2022

ODE MARÍTIMA (EXCERDOS)

(...)

Toda a vida marítima! tudo na vida marítima!
Insinua-se no meu sangue toda essa sedução fina
E eu cismo indeterminadamente as viagens.
Ah, as linhas das costas distantes, achatadas pelo horizonte!
Ah, os cabos, as ilhas, as praias areentas!
As solidões marítimas como certos momentos no Pacífico
Em que não sei por que sugestão aprendida na escola
Se sente pesar sobre os nervos o facto de que aquele é o
maior dos oceanos
E o mundo e o sabor das coisas tornam-se um deserto dentro
de nós!

(...)

Todos os mares, todos os estreitos, todas as baías, todos os golfos,
Queria apertá-los ao peito, senti-los bem e morrer!
E vós, ó coisas navais, meus velhos brinquedos de sonho!
Componde fora de mim a minha vida interior!
Quilhas, mastros e velas, rodas do leme, cordagens,
Chaminés de vapores, hélices, gáveas, flâmulas,
Galdropes, escotilhas, caldeiras, colectores, válvulas;
Caí, por mim dentro em montão, em monte,
Como o conteúdo confuso de uma gaveta despejada no chão!

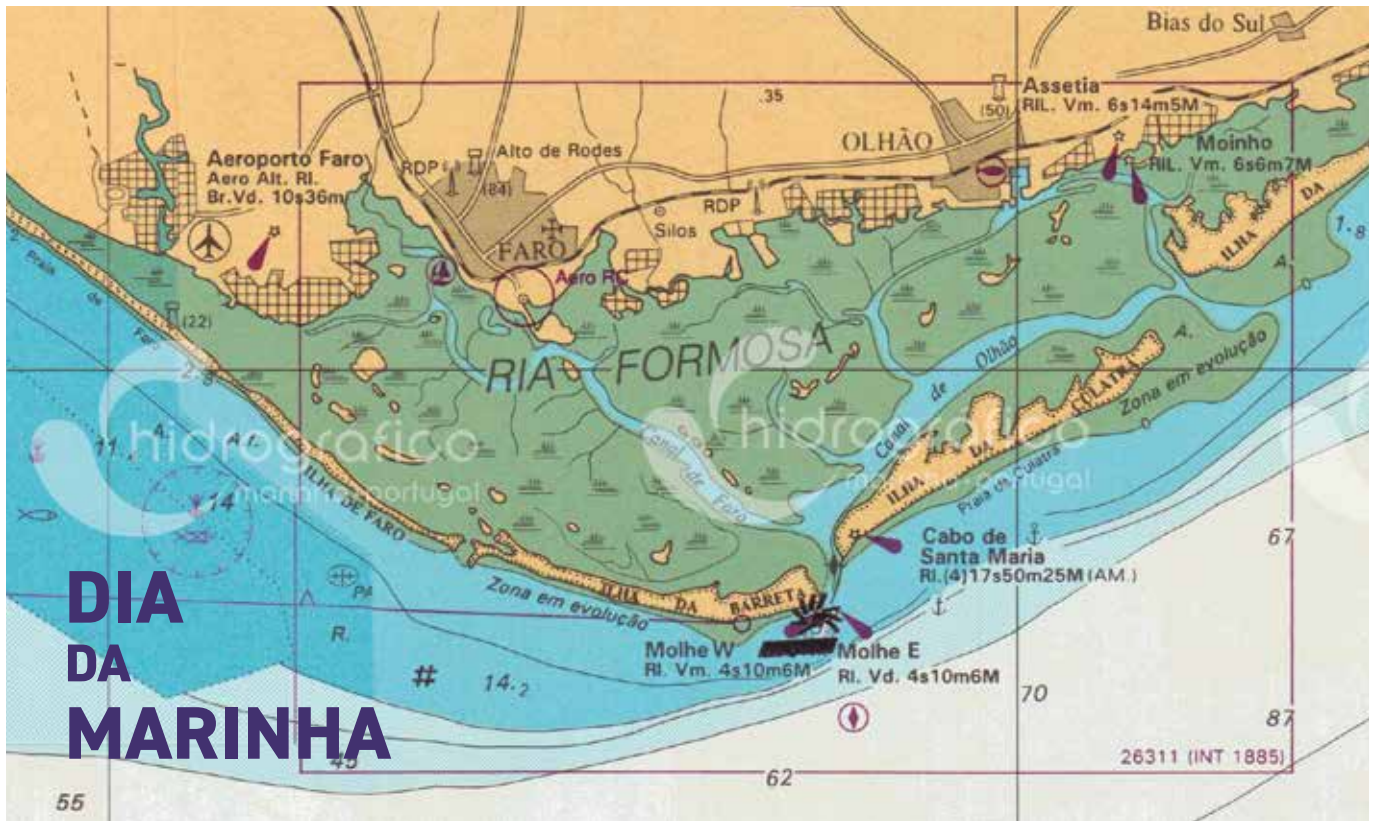
Álvaro de Campos¹, 1ª publ. in *Orpheu*, nº2. Lisboa: Abr.-Jun. 1915.

Notas

¹ Heterónimo do criativo e misterioso escritor português Fernando Pessoa, com avós oriundos de Faro e de Tavira e que fez, pelo menos, 4 longas viagens marítimas ente Lisboa e a África do Sul. Daí o seu “irmão” Álvaro de Campos ser algarvio, engenheiro naval (formado na Escócia), alto, magro e viajado. O protótipo do novo homem, produto da civilização industrial, na eterna procura de sensações fortes e modernas.



SUMÁRIO



02	Ode Marítima
04	Cidade de Faro, capital do Algarve
06	Dia da Marinha
12	Discurso da Ministra da Defesa Nacional
15	Discurso do Almirante CEMA e AMN
21	Comissão Cultural de Marinha / Norte

22	Atuações da Banda da Armada
24	Predomínio do poder do simbólico. 3. Símbolos da Marinha Portuguesa
28	Academia de Marinha
30	Museu Ramalho Ortigão
31	Açores
32	CNOCA
34	Madeira / Núcleo de Radioamadores da Armada
35	Mensagem do Almirante CEMA e AMN



CAPA
Cerimónia Militar no dia 22 de maio inserida nas comemorações do Dia da Marinha.
Foto SJA A Ferreira Dias

Revista da ARMADA

Publicação Oficial da Marinha
Periodicidade mensal
Nº 574 / Ano LII
Junho 2022

Revista registada na ERC
Registo nº 127719
Depósito Legal nº 55737/92
ISSN 0870-9343

Propriedade
Marinha Portuguesa
NIPC 600012662

Diretor
CALM Aníbal José Ramos Borges

Chefe de Redação
CMG M Fernando Manuel Carrondo Dias

Redatora
CTEN TSN-COM Ana Alexandra G. de Brito

Secretário de Redação
SCH C Luís Fernando Pereira de Oliveira

Desenho Gráfico
ASS TEC DES Aida Cristina M. P. Faria

Administração, Redação e Edição
Revista da Armada- Edifício das Instalações Centrais da Marinha- Rua do Arsenal 1149-001 Lisboa- Portugal
Telef: 21 159 32 54

Estatuto Editorial
www.marinha.pt/pt/Servicos/Paginas/revista-armada.aspx

E-mail da Revista da Armada
revista.armada@marinha.pt
ra.sec@marinha.pt

Paginação eletrónica e produção
What Colour Is This?
wcit.pt
info@wcit.pt
TI: +351219267950

Tiragem média mensal:
3700 exemplares

A CIDADE DE FARO, CAPITAL DO ALGARVE



Este ano, a Marinha celebrou a sua festa na cidade de Faro, berço de muitos milhares de marinheiros, com tradições marítimas que remontam a mais de dois mil anos. Capital do Algarve desde o século XVI, é banhada pelo Oceano Atlântico, mas mantendo sempre um pé no Mediterrâneo, onde sorveu toda a sua tradição marítima. São fenícios ou cartagineses os vestígios mais antigos que a arqueologia encontrou no subsolo do casco antigo fareense. Mas, depois da segunda guerra púnica, o domínio de Roma foi absoluto. Naquele tempo, a configuração da ria era bastante diferente de hoje e a povoação ocupava apenas o que era a pequena península, perceptível pelo traçado das muralhas, com um porto a sueste (n.º 1), virado para o actual largo de S. Francisco. Diz-nos Estrabão (século I a.C.) que se chamava Ossónoba, nome que a arqueologia veio a confirmar e que a tradição manteve até ao século XI.

A pirataria da entrada do Mediterrâneo era a sua principal preocupação e, como todas as cidades mediterrânicas, foi obrigada a proteger-se, construindo uma cerca muralhada à sua volta. E sempre ali houve um comércio profícuo feito por mar, a par da prática piscatória, com a conserva de peixe e a preparação do *garum*, exportado em ânforas feitas em olarias locais.

A invasão islâmica da Península, que teve lugar no século VIII, trouxe uma nova fé e novos senhores. E quase todo o Algarve foi tomado sem resistência, aceitando o domínio muçulmano que se mostrava muito tolerante em questões religiosas, permitindo a prática livre do cristianismo. Com isso nasceu, em todo o sul da Península Ibérica, uma cultura própria, designada por moçárabe e caracterizada pela manutenção do culto cristão num espaço arabizado: cristãos que falavam árabe e partilhavam os costumes da civilização recém-chegada.

Diz uma lenda que, no século XI, a cidade de *Ukxûnuba* (Ossónoba) foi assolada por uma fome terrível devido à escassez de pescado. Os moçárabes pediram fervorosamente a intervenção de Santa Maria, colocando uma imagem sua virada para o mar e, como resultado da sua fé, o peixe regressou em abundância. Governava o pequeno reino *Mohamed ibn Said ibn Harun*, que (se diz) ficou muito impressionado com o milagre e, desde então, permitiu que a sua cidade tomasse o nome de Santa Maria. Seria Santa Maria de Harum que, naturalmente, viria a ser Santa Maria de Faro. Há muitas dúvidas sobre a origem da lenda, mas é certa a devoção da população moçárabe e a relação entre o nome de Faro e o rei *ibn Harum*.

A precariedade do poder islâmico Ibérico centralizado em Córdova, permitiu a proliferação de soberanos locais (como o rei de *Ukxûnuba*, ou Santa Maria de Harum), cujo poder só foi interrompido pelas invasões dos Almorávidas e dos Almóadas. Estes últimos entraram na Península em 1148, um ano antes das conquistas de Santarém e Lisboa, por D. Afonso Henriques, permanecendo por cerca de um século. É a eles que se deve a mais sólida construção da muralha de Faro.

Os Almóadas foram derrotados por uma coligação de forças cristãs em Navas de Tolosa, em 1212, e o islão peninsular entrou num processo de decadência sem retorno. Uma decadência que permitiu a conquista de todo o vale do Guadiana, até Aiamonte, e depois o Algarve. Silves caiu em 1240 e Faro sucumbiu em 1249, depois de um cerco montado pela Ordem de Santiago e pelas forças de D. Afonso III. Diz a crónica que o rei se ocupou da parte oriental e sul, enquanto o Mestre Paio Peres Correia ocupou a parte norte e noroeste, ficando a frente marítima entregue a uma



armada portuguesa. Depois da conquista, diz-se que o rei terá repousado das agruras do combate, numa torre da porta oriental que, por essa razão tomou o nome de Porta do Repouso (nº 2).

A conquista do Algarve fechava o espaço português de expansão natural e Santa Maria de Faro nunca mais deixou de ser portuguesa. As suas condições portuárias foram evoluindo, sobretudo por causa do assoreamento da ria, e o acesso à cidade complicou-se cada vez mais. Mas essas circunstâncias também deram maior segurança à frente marítima, permitindo o crescimento da actividade económica, ligada ao comércio marítimo, à pesca e à conserva de peixe salgado. De forma que a população foi aumentando, obrigando ao alargamento do espaço urbano para fora de muros. Sabemos que o bairro dos pescadores ficava na zona onde hoje está a paróquia de S. Pedro, com a “Ribeira” a oeste e junto à ria, onde estavam as indústrias de conserva e artes da pesca.

Em 1544, Faro foi elevada a cidade e a progressiva perda de importância de Silves fez com que a sede da diocese fosse transferida para Faro, em 1577. A igreja de Santa Maria, situada na *Cidade Velha* (nº 4), passou a ser a sé diocesana e a Ordem de Santiago, que a ocupava no seu serviço, passou para a igreja de S. Pedro, fora da muralha. Foi nessa altura que a igreja teve grandes obras, que lhe deram a configuração presente, num estilo arquitectónico maneirista de grande beleza, onde teve lugar a celebração da missa de sufrágio do Dia da Marinha 2022.

Ainda no reinado de D. João II, no ano de 1491, Faro passou a fazer parte da Casa da Rainha e, em sua homenagem, o terreiro em frente à Porta da Vila, onde teve lugar a cerimónia militar do Dia da Marinha, passou a chamar-se Praça da Rainha. Essa designação manteve-se até ao século XIX, quando tomou o nome do Bispo D. Francisco Gomes, figura notável da diocese, a quem se deve a reconstrução de muitos dos edifícios destruídos pelo terramoto de 1755. O estilo neoclássico da praça, patente nas arcadas do antigo Hospital da Misericórdia, no edifício da respectiva igreja e no chamado *Arco da Vila* (nº 3) devem-se ao arquitecto italiano *Francesco Saverio Fabri*, mandado vir a Portugal pelo Bispo. O

centro de Faro deslocava-se progressivamente para este espaço nobre onde, um século depois, a monumentalidade do largo foi completada com o jardim central, da autoria do engenheiro silvicultor Manuel Bívar, cujo nome lhe ficou associado.

A 1 de Julho de 1889, chegou o comboio a Faro. A linha do caminho-de-ferro e a estação ocuparam a zona da Ribeira e separaram uma parte da malha urbana da ria, mas a iniciativa trouxe outras possibilidades económicas e sociais à capital do Algarve. Aliás, a cidade crescia para norte e para leste, consolidando uma personalidade própria, com as suas elites e com o surgimento de um conjunto de estruturas de suporte cultural. As circunstâncias sociais europeias, decorrentes das duas grandes guerras do século XX, foram particularmente favoráveis ao desenvolvimento das indústrias conserveiras, que em Faro já tinham as suas raízes, crescendo naturalmente com um mercado que se afigurava florescente. Este crescimento trouxe à cidade novas gentes e outras exigências, que obrigaram a uma reconfiguração urbana e à instalação de estruturas de suporte. O ministro Duarte Pacheco estava atento ao fenómeno e lançou as bases dessa renovação. A ele se deve a construção do novo Liceu de Faro, hoje Escola Secundária João de Deus, em homenagem ao grande poeta algarvio, nascido em S. Bartolomeu de Messines.

O Algarve, entretanto, descobria-se para o turismo e Faro era naturalmente um centro dessa nova actividade económica, hoje de crucial importância para a região e para o país. Para isso precisava das instalações hoteleiras, de estruturas de suporte (v.g. Hospitais), transportes e vias de acesso. Nomeadamente o acesso de avião que foi possível a partir de 1965, com a abertura do Aeroporto Internacional de Faro. Era uma nova era para o Algarve e para a sua capital.

Todavia, nunca se esqueceu, nem deixou de seguir o seu destino marítimo e piscatório. O porto é complexo e difícil, com capacidades restritas, mas é um apoio importante da pesca e do turismo náutico. A forma como a cidade recebeu a sua Marinha, para a celebração da sua festa anual, foi um exemplo deste apego ao mar e a tudo o que lhe diga directamente respeito.

N.R. O autor não adota o novo acordo ortográfico.



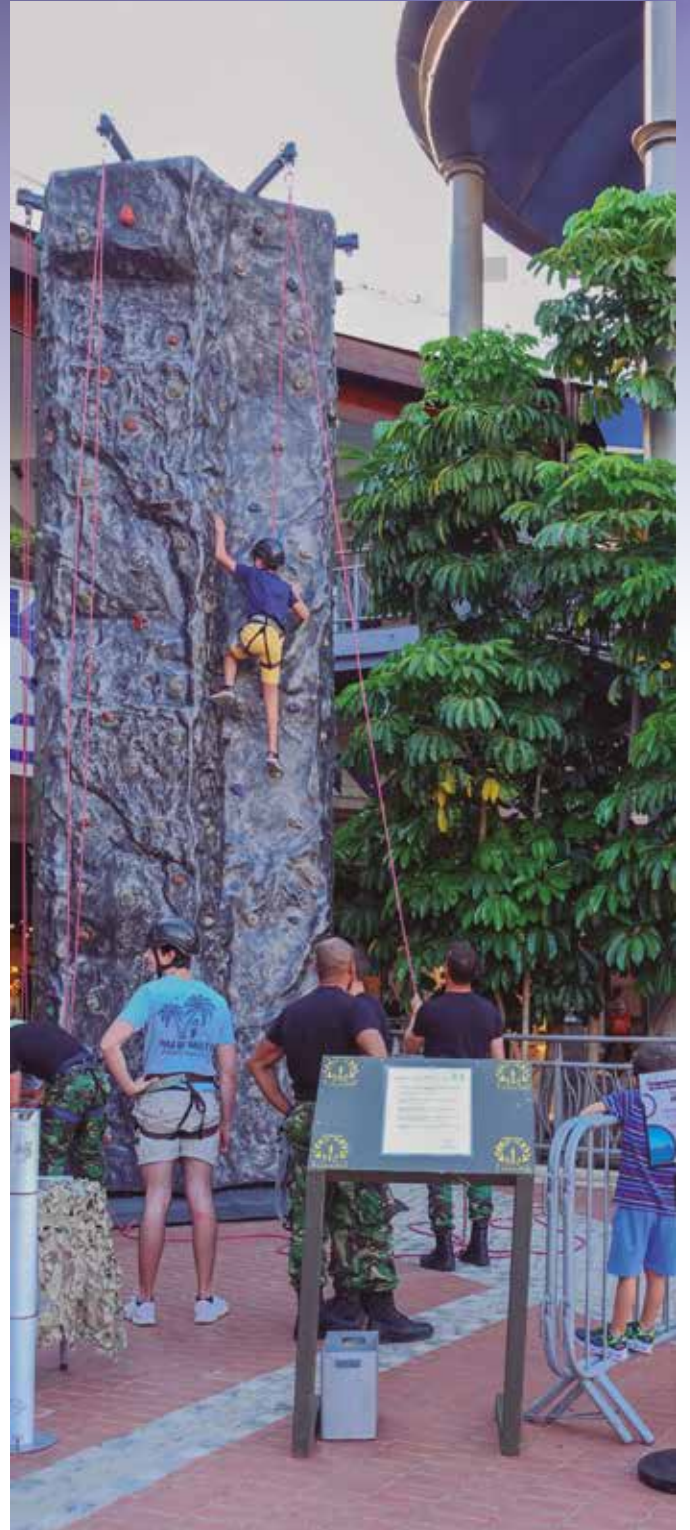
J. Semedo de Matos
CFR FZ



Dia da Marinha Faro 2022



Foto IMAR L Pereira Miguel



Fotos SAU A. Ferreira Dias

DIA DA MARINHA 2022

*Não posso adiar para outro século a minha vida
Nem o meu amor*

Nem o meu grito de libertação

Não posso adiar o coração

Esse coração é um Portugal marítimo

(adaptado dos versos de António Ramos Rosa, poeta farense)

19 de maio de 2022 marca o início oficial das comemorações do Dia da Marinha na cidade de Faro.

Depois de terem estado marcadas em 2020, e por dois anos adiadas devido à pandemia, finalmente a Marinha navegou para Sul e, na cidade de Faro, encontrou o porto de abrigo perfeito para aqui celebrar o seu dia, em comunhão com o Algarve e com os farenses em particular.

Durante o mês de maio e sob o tema das novas tecnologias da Marinha, foi vivido um programa de atividades diversificado que, de forma holística, ligou todos os vetores de desenvolvimento da Marinha e da Autoridade Marítima Nacional (AMN) com a população, que aderiu em largo número aos diversos eventos do programa, e em especial aos ocorridos de 19 a 22.

A MARINHA E OS FARENSES – FÓRUM ALGARVE

A ligação com os farenses começou no dia 3 de maio. Um programa diversificado de eventos, baseado numa exposição de conteúdos, esteve patente no Fórum Algarve, tirando partido das características únicas da estrutura comercial.

Graças à disponibilidade e abertura do Fórum para acolher esta iniciativa, a Marinha desdobrou-se pelo seu espaço interior e exterior. Havia que cativar os vários milhares de visitantes diários, em especial a camada infanto-juvenil, ávida de informações sobre como ingressar na Marinha. Duas grandes boias à entrada e diversas lanternas e faróis espalhados pelo espaço anunciavam a presença da Marinha e da AMN. As exposições e as demonstrações sucediam-se no espaço e no tempo, permitindo aos visitantes um conjunto de experiências imersivas e a possibilidade de assistir a inúmeros e diversificados momentos “marítimos”.

Na componente operacional, foi possível aos adeptos da ação experienciarem o percurso escuro e labiríntico da tenda de *air soft* dos Fuzileiros onde, devidamente equipados, puderam sentir a prática de uma progressão tática, bem como o realismo das armas usadas por esta força especial da Marinha. O Corpo de Fuzileiros efetuou ainda demonstrações de técnicas de sobrevivência e de deteção canina de estupefacentes e de explosivos (através dos seus binómios cinotécnicos – cães pisteiros treinados), provocando um especial agrado de crianças e adultos.

Uma equipa especializada em Guerra Nuclear, Biológica, Química e Radiológica (NBQR) recriou, por duas vezes, um cenário de bombardeamento com um agente químico neurotóxico. Ao longo de 20 minutos e com narração ao vivo, o público compreendeu e aplaudiu a complexidade e prontidão deste tipo de intervenção.

O engenho e arte de dois sargentos da classe de Taifa, da Escola de Tecnologias Navais, despertaram a curiosidade de todos com as demonstrações de arte cisória em frutas e provas de tapas.

Igual entusiasmo era despertado pelas demonstrações da Célula de Experimentação Operacional de Veículos Não Tripulados (CEOV). Um *robot*, controlado à distância corredores afora, surpreendia; a agilidade do aparelho é fruto da engenharia da Marinha. O público mais jovem, curioso, nunca ficava indiferente e aproximava-se do aparelho, com o qual os militares interagem longamente.

Na área expositiva, realce para as réplicas de navios montadas com arte, ao pormenor, em “Lego”.

No espaço ao ar livre foi edificada uma torre de escalada, que fez as delícias dos pequenos aventureiros e dos amantes do desporto mais radical.

A AMN também marcou presença durante todo o período da exposição:

– Um núcleo representativo da Direção de Faróis deu a conhecer aos interessados o funcionamento dos faróis.

– A Polícia Marítima demonstrou os meios e valências que tem para o desempenho das suas funções no apoio a todos os que usam o mar e a orla marítima.

– Em véspera de início da época balnear, o Instituto de Socorros a Náufragos (ISN) efetuou demonstrações de suporte básico de vida e ações de sensibilização, para os banhistas e veraneantes observarem na segurança das nossas praias.



A MARINHA E OS FARENSES – BATISMOS DE MAR

A partir do Cais Comercial de Faro, do cais das Portas do Mar e do cais do Ladrão, a Marinha e a Autoridade Marítima, de 19 a 22 de maio, possibilitaram aos farenses o embarque numa aventura real – batismos de mar. A todos os que assim desejaram, foi permitido o embarque nas lanchas de fiscalização rápida NRP *Sagitário* e NRP *Hidra*, nas embarcações semirrígidas da AMN e nas Lanchas Anfíbias de Desembarque e Carga (LARC) dos Fuzileiros, que se lançaram nas águas da Ria Formosa, proporcionando momentos inesquecíveis, em especial para os alunos das inúmeras escolas, que quiseram desfrutar desta oportunidade.

No Cais Comercial, constituindo por esses dias como que um ponto de passagem obrigatória dos farenses e turistas nacionais e estrangeiros, estiveram abertos a visitas:



- O Navio de Patrulha Oceânica NRP *Sines*; e
- O NRP *Sagres*, que, com centenas de visitas diárias, constituiu um ponto alto nestas comemorações, fundindo ainda mais a história da cidade de Faro com a Marinha Portuguesa.

A MARINHA E OS FARENSES – OUTROS LOCAIS EXPOSITIVOS

Outros locais onde se edificaram exposições e se calendarizaram demonstrações:

- O Jardim Manuel Bivar, junto à marina, foi reservado para as atividades militares complementares, com a explicação e o visionamento dos meios que compõem e permitem a atuação da Marinha e da Autoridade Marítima, como sejam as capacidades da saúde militar, da Polícia Marítima e do salvamento marítimo. Foi também possível: realizar batismos de mergulho com garrafa; e ver as movimentações dos veículos não tripulados da Marinha, operados pelos operacionais do CEOV. Foi também mostrada e explicada a dimensão tecnológica e de inovação da Marinha: a capacidade de impressão 3D e o ventilador Nortada, produto da Marinha que, em parceria com as empresas nacionais, já se encontra em fase de produção
- No Museu Municipal o tema foi, também, o das novas tecnologias da Marinha – equipamentos e simuladores das atividades operacionais: o simulador de navegação, as experiências de realidade virtual e a nova cadeira de simulação de voo de helicóptero. Era igualmente possível visitar virtualmente os Órgãos de Natureza Cultural da Marinha (Aquário, Biblioteca, Revista, Museu e Fragata D. Fernando), e as experiências tecnológicas proporcionadas pelo Instituto Hidrográfico, sinónimo de investigação, tecnologia e conhecimento do nosso mar.
- Na Praça da Liberdade, onde marcaram presença a inovação, a tecnologia e as parcerias da Marinha e da AMN com a indústria nacional para a área da robótica e da automação: empresas da área tecnológica da indústria de defesa; o Fórum Oceano (associação para a promoção e o desenvolvimento da economia do mar); e a AED (cluster Português para as indústrias da Aeronáutica, do Espaço e da Defesa).

DIMENSÃO MILITAR – CERIMÓNIA

A praça Dom Francisco Gomes acolheu no dia 22 de maio a cerimónia militar relativa ao Dia da Marinha, seguida de uma demonstração de capacidades que ocorreu na rua Comandante Francisco Manuel, junto ao cais das Portas do Mar.

Presidida pela Prof^a Doutora Maria Helena Carreiras, Ministra da Defesa Nacional (MDN), a cerimónia militar contou com a

presença de 442 militares e militarizados, mulheres e homens da Marinha e da Autoridade Marítima. As forças em parada eram constituídas por: Banda da Armada e Fanfarras; Associações de Fuzileiros, Marinheiros e ex-Marinheiros; Bandeira da Brigada Real de Marinha e respetiva escolta; uma companhia de Fuzileiros envergando o uniforme da Brigada Real de Marinha; Bloco do Estandarte Nacional e respetiva Escolta de Honra; Grupo de Comando; Bloco de Estandartes Heráldicos; uma companhia de cadetes da Escola Naval; uma companhia de militares da Escola de Tecnologias Navais; uma companhia de militares das unidades do Comando Naval; um pelotão da Autoridade Marítima Nacional, constituído por elementos da Polícia Marítima; e uma força de fuzileiros equipada para combate.

A cerimónia constou da imposição de condecorações a militares, militarizados e civis da Marinha e da Autoridade Marítima Nacional, numa justa e sentida homenagem aos mortos em combate e das alocações efetuadas pelo CEMA/AMN e pela MDN. As intervenções dos dois oradores são reproduzidas, na íntegra, nas páginas 12 a 20 da presente edição da RA.

A cerimónia finalizou com o desfile das forças em parada, ao qual se juntou o batalhão apeado do Corpo de Fuzileiros, que, em marcha acelerada, marcando com garbo o quarto tempo e entoando com emoção o grito do Fuzileiro, antecedeu o desfile motorizado (com meios do Corpo de Fuzileiros, da CEOV e da AMN); em conjunto, demonstraram as capacidades da única Força Nacional com capacidade para atuar do mar para terra.

Importa, pela justiça e pelo simbolismo, referir que se pôde contar de novo com a presença e desfile em parada dos nossos antigos combatentes, oriundos de núcleos e associações de todo o país, que não quiseram deixar de marcar presença nesta cerimónia do Dia da Marinha.

DIMENSÃO MILITAR – DEMONSTRAÇÃO DE CAPACIDADES

Ancorada no dinamismo próprio que caracteriza a Marinha, em complemento ao desfile e também com uma visão holística, realizou-se uma demonstração de capacidades na zona adjacente ao cais das Portas do Mar.

Dividido em três momentos, os convidados da cerimónia militar e os farenenses puderam assistir a:

- Uma ação inicial de tomada de assalto por uma lancha da Polícia Marítima a uma embarcação suspeita de ligações ao tráfico de estupefacientes, ação desenvolvida com o apoio de *drones* aéreos empenhados na recolha e disponibilização de informação e imagem em tempo real. Abordada a embarcação, foi simulada a obtenção de provas, fundamental numa ação real para a atuação da justiça.

- Num segundo momento, foi simulada uma ação de resgate de cidadãos feitos reféns por um grupo terrorista, onde o Destacamento de Ações Especiais da Marinha, atuando a partir do ar, do mar e de terra, neutralizaram a ameaça.

- Finalmente, foi recriada uma situação de uma embarcação de recreio com um incêndio no motor, que obrigou a uma ação de salvamento marítimo dos seus ocupantes através de meios das Estações Salva-vidas e do ISN, da AMN.

DIMENSÃO MILITAR – ACAMPAMENTO E BASE LOGÍSTICA

A movimentação de meios humanos e materiais para o Algarve, por um período de tempo tão alargado, e em larga escala, obrigou não só a um planeamento cuidadoso, mas também à edificação de

uma base logística no Cais Comercial (gentilmente cedido pela Administração dos Portos de Sines e do Algarve, SA), ou seja, no local onde viriam a atracar os meios navais, o que permitiu um reunir 1200 militares e militarizados em salutar convívio e espírito naval.

Foram montadas tendas, o armazém do porto foi limpo e adaptado para cozinha e refeitório e foi erguido um mastro onde foi içada e arriada a bandeira nacional com todas as honras previstas

No dia 20, o Dia da Marinha de *jure*, foi realizado para todos os presentes um jantar comemorativo, antecedido por umas breves palavras do Chefe da Marinha e AMN, saudando todos, agradecendo o esforço e dedicação e demonstrando o prazer de compartilhar esse momento do dia “em família naval”.

ALMOÇO COMEMORATIVO DO DIA DA MARINHA

Aos convidados oficiais da cerimónia militar foi proporcionado um almoço na Escola de Hotelaria e Turismo, ex-Regimento de Infantaria de Faro. O almoço, do confeccionar ao servir, foi integralmente feito por militares da Marinha.

No final, houve uma troca de presentes, o cortar do bolo de aniversário da Marinha pela MDN, Profª Doutora Helena Carreiras, e as “salvas da Ordenança” pelo artilheiro “mais antigo”.

CULTURA, SOCIEDADE E SUSTENTABILIDADE

Uma das bases da Marinha passa pela sua dimensão cultural e de desenvolvimento científico, que, de uma forma sustentável, se aproxima da sociedade civil em diversas vertentes: empresarial e de inovação, cívica, de melhoria das condições de vida das pessoas e aumento do conhecimento e da literacia do mar.

Daí a participação do CEMA/AMN, ALM Gouveia e Melo:

- No colóquio coorganizado pela Academia de Marinha e pela Universidade do Algarve com o tema “O Mar: Tradição e Desafios”.

- Na libertação de uma tartaruga para o seu habitat natural, com a prestimosa colaboração do Zoomarine.

- No lançamento da recolha de poluição do areal das praias de Faro e do fundo do mar, realizada com a participação dos mergulhadores da Armada e de vários clubes locais.

O Centro de Educação Física da Armada organizou uma prova desportiva com várias etapas e modalidades (natação, corrida na praia, canoagem e crossfit), numa competição aberta a todos os que quiseram participar por equipas, indo assim ao encontro de uma das facetas da Marinha enquanto base da saúde desportiva.

A Banda da Armada proporcionou aos farenses dois momentos musicais únicos, com a participação do cantor Nuno Guerreiro, natural de Faro. No final do espetáculo no Teatro das Figuras, o CEMA/AMN, ALM Gouveia e Melo, fez entrega do cheque

Fotos: 1.MAR L. Pereira Miguel



representativo do valor apurado no Concerto Solidário de dia 15, em Lisboa, em mais uma ação de solidariedade da Marinha.

Na manhã de dia 22, foi realizada uma cerimónia religiosa na Igreja de São Pedro, copresidida pelo Bispo das Forças Armadas e de Segurança e pelo Bispo da Diocese do Algarve, à qual aderiu uma mole de farenses. Para a elegância da cerimónia contribuiu não só a decoração da igreja, mas também as participações especiais da Banda da Armada e dum coro de cadetes da Escola Naval.

A visita do CEMA/AMN, ALM Gouveia e Melo, ao Serviço de Pediatria do Hospital de Faro, constituiu um dos momentos altos destas comemorações. Na manhã do Dia da Marinha, foi possível percorrer as diversas valências daquele serviço – o internamento, o hospital de dia e as urgências – e entregar às crianças e pais algumas lembranças que veiculam a força e a esperança das rápidas melhoras de todos.



Fotos SAJ A Ferreira Dias



FARO NO CORAÇÃO

As comemorações do Dia da Marinha em Faro – um programa abrangente e de múltiplas facetas, que se estendeu por toda a cidade durante quase todo o mês de maio – apenas foi possível com o apoio inextinguível de todas as entidades com quem a Marinha se relacionou, com particular destaque para a Câmara Municipal, que desde a primeira hora, ainda em 2019, manifestou o desejo profundo de ter a Marinha na sua cidade.

Só assim foi possível à Marinha e Autoridade Marítima Nacional deslocar para Faro 1200 militares, militarizados e civis, que aqui encontraram todas as condições para o seu alojamento, quer nas unidades navais quer no acampamento militar. Essa “gente” da Marinha descobriu uma população que não regateou esforços em simpatia, saber receber e que conferiu a todos o sentimento de levarem para suas casas “Faro no coração”.

A atestar esse sentimento, ficou para trás um monumento alusivo às comemorações do Dia da Marinha 2022, composto por dois ferros e uma roda do leme. Edificado pela Câmara Municipal com a colaboração da Marinha, “fundeu” no centro da cidade, de forma perene, a ligação entre as duas instituições e fixou um rumo seguro em prol de novas atividades em conjunto.



Colaboração do **GABINETE DO CEMA**





Discurso da Ministra da Defesa Nacional

É com um enorme gosto que me dirijo a todos vós, militares, militarizados e civis da Marinha Portuguesa, para assinalar o Dia da Marinha. Juntos formam uma Marinha de elevada prontidão, tecnologicamente avançada e que, 24h por dia, 365 dias por ano, contribui decisivamente para promover e proteger os interesses de Portugal no Mar. Uma Marinha da qual nos podemos e devemos orgulhar.

Pela sua natureza, a Marinha encontra-se predisposta a encarar todos os desafios que se lhe colocam – não fora o seu dia ser comemorado em homenagem a Vasco da Gama e à sua chegada a Calecute, em 1498, que ligou, pela primeira vez e por via marítima, a Europa ao Oriente.

O papel que a Marinha desempenhou na história portuguesa ao longo dos séculos é algo que merece ser celebrado devidamente, e em particular no Algarve, onde o início da expansão marítima portuguesa trouxe um novo vigor às terras e gentes algarvias, assegurando-lhes um lugar de relevo nos principais momentos

dos Descobrimentos. Saúdo, por isso, a enorme dinâmica destas comemorações que tiveram lugar aqui em Faro, os habitantes desta cidade, e todos os que para elas contribuíram.

É a primeira vez que a cidade de Faro recebe o Dia da Marinha, mas os Farenses conhecem há muito o trabalho desenvolvido por este Ramo, através do Comando de Zona Marítima do Sul e do dispositivo naval em permanência na região. Espero que estes dias de comemoração tenham servido para reforçar ainda mais estes laços que unem os cidadãos e cidadãs às suas Forças Armadas, e em particular à sua Marinha.

Em 2022 somos chamados a assinalar o centenário de outro feito notável: a Travessia Aérea do Atlântico Sul. Para que esta viagem se pudesse concretizar, foi necessário criar um método de navegação que permitisse pilotar a aeronave com suficiente precisão sobre a imensidão do oceano. A escala do desafio que então se colocava foi apenas comparável ao engenho do Almirante Gago Coutinho e do Comandante Sacadura Cabral. O inconformismo perante



as adversidades enfrentadas, permitiu-lhes alcançar um lugar cimeiro no panteão dos intrépidos e dos audazes.

Esta audácia perante o desconhecido, conjugando passado e futuro, continua bem patente nos nossos dias. A Marinha almeja inovar e criar, pautando-se sempre por um desejo constante de vanguarda. É, por isso, um forte impulsionador e um parceiro natural da Base Tecnológica e Industrial da Defesa nacional, bem como de projetos estruturantes no contexto da NATO e da União Europeia.

Um excelente exemplo deste dinamismo pode ser encontrado no Centro de Experimentação Operacional em Troia, que foi recentemente selecionado como centro de testes no âmbito do programa Acelerador de Inovação da NATO (DIANA). Um local que esperamos que agregue as melhores startups, a melhor investigação científica e as melhores empresas de tecnologia dos países Aliados, para desenvolver e testar soluções que respondam aos desafios críticos de defesa e segurança, principalmente tecnologias de duplo uso.

No entanto, o domínio e a aplicação da tecnologia, por si só, não garante uma vantagem definitiva face aos desafios com que nos deparamos atualmente. O que garante essa vantagem é a qualidade das nossas pessoas, o seu profissionalismo, a sua dedicação e a sua competência. Para isso, continuaremos a apostar no reforço das qualificações especializadas no domínio marítimo, num sinal claríssimo de que o futuro da Marinha se continuará a fazer com as pessoas e para as pessoas.

No âmbito deste que é um desígnio maior do meu mandato, precisamos de continuar a valorizar a condição militar e a dignificar as nossas Forças Armadas. As exigências colocadas sobre os militares – praças, sargentos e oficiais – requerem, entre outros elementos, a possibilidade de progressão na carreira e

a sua dignificação. Por isso este ano foi possível nas primeiras semanas do meu mandato autorizar, em colaboração com o Ministério das Finanças, as promoções anuais que estavam há uma década a ser sistematicamente empurradas para o final do ano, e que irão abranger quase 5.800 militares.

Teremos também de encetar, em conjunto, todos os esforços para conseguirmos avançar na implementação do Plano de Ação para a Profissionalização do Serviço Militar e do Plano Setorial da Defesa Nacional para a Igualdade, e podermos assim recrutar as melhores pessoas, retê-las condignamente e assegurar que têm os instrumentos para uma bem sucedida transição posterior para a vida civil.

Senhor Almirante CEMA, militares, militarizados e civis da Marinha, ex-militares aqui presentes, senhoras e senhores,

A centralidade geoestratégica do Atlântico permanece um vetor chave que se entrecruza com o valor intrínseco da Marinha. O nosso espaço marítimo é caracterizado por linhas de comunicação que ligam entre si as Américas, a Europa, a África e até o Médio Oriente e a Ásia. Num mundo tão globalizado e dinâmico, onde o comércio marítimo possui tanto peso na economia global, é fundamental garantir a utilização livre e segura do mar.

Temos também de continuar a construir novas pontes entre os nossos parceiros e aliados, promovendo iniciativas como as das Presenças Marítimas Coordenadas da União Europeia, lançadas durante a Presidência Portuguesa, ou formatos multilaterais inovadores, como o Centro do Atlântico, que permitirão elevar ainda mais o papel internacional de Portugal enquanto produtor de segurança marítima. De igual forma, temos de continuar a



proporcionar capacidades e conhecimento especializado, sempre que solicitado, seja no âmbito da missão Mar Aberto, seja no quadro da Cooperação no Domínio da Defesa no espaço da CPLP.

Estamos conscientes que a própria conjuntura internacional tem gerado um aumento significativo das solicitações para o emprego das Forças Armadas em cenários novos e diferentes, com reflexos ao nível das capacidades, da flexibilidade do seu emprego, da interoperabilidade, e da prontidão operacional.

A participação da Marinha em Forças Nacionais Destacadas, desde o Círculo Polar Ártico ao Atlântico, do Mar Mediterrâneo ao Oceano Índico, tem permitido demonstrar de forma inequívoca o nosso empenho na segurança coletiva, visando a estabilidade do flanco Sul e a defesa de uma fronteira avançada da Europa. Em março passado, assumimos o comando tático da Operação Sea Guardian da NATO, ao passo que em agosto será a vez da Operação Atalanta da União Europeia, com duração até fevereiro de 2023. Em todas estas missões, a Marinha desempenha e continuará a desempenhar um papel crítico no planeamento e execução necessários para o sucesso dos objetivos traçados.

Dadas as características de Portugal, com duas regiões autónomas e uma extensa área marítima sob jurisdição nacional, a Marinha proporciona ainda de forma permanente um conhecimento situacional marítimo. Essa responsabilidade resulta acrescida se recordarmos como o nosso conhecimento sobre o ecossistema e a biodiversidade do fundo do mar permanece diminuto, sendo cada vez mais confrontado com interesses terceiros pela sua exploração. Este “mar sonoro, mar sem fundo, mar sem fim”, como descrevia Sophia de Mello Breyner, requer um esforço contínuo de investigação científica de excelência para o qual o Instituto Hidrográfico muito tem contribuído.

Gostaria de recordar que foi possível autorizar em Conselho de Ministros, neste mês de maio, o financiamento necessário

à implementação do projeto de uma Plataforma Naval Multifuncional ao abrigo do Plano de Recuperação e Resiliência.

Em conjunto com o Centro de Operações de Defesa do Atlântico, trata-se de um projeto fundamental para apoiar a Marinha a reforçar a sua capacidade operacional, mas também a preservar as cadeias de valor das diversas indústrias oceânicas, visando gerar e registar novo e valioso conhecimento sobre o mar.

Ao vigiar e proteger o nosso espaço de interesse estratégico nacional, a Marinha assume também uma responsabilidade sem igual por via de missões de apoio à população, incluindo através da sua capacidade de resposta a acidentes humanos e ambientais. As ações de busca e salvamento, em particular, representam atos diários de heroísmo, mas também de um compromisso constante para com o bem-estar e a integridade física de quem mais precisa em momentos de necessidade. Basta recordarmos as quase 5.000 vidas salvas nos últimos 10 anos, um feito apenas possível graças aos melhores esforços levados a cabo pelos homens e mulheres da Marinha – muitas vezes em atuação conjunta e integrada com a Força Aérea, com vista a uma melhor gestão de recursos e responsabilidades.

Para um país com uma tradição marítima secular como Portugal, momentos como os de hoje servem para lembrar o reconhecimento e admiração que a Marinha nos merece. Tenhamos bem presente a sua divisa: “A pátria honrai, que a pátria vos contempla”, sabendo que a pátria vos contempla efetivamente como exemplos de verticalidade, ética, lealdade e abnegação. Permanecemos confiantes que uma Marinha que nos protege há mais de 700 anos, é uma Marinha que continuará a servir e a acautelar os melhores interesses de Portugal em todas as circunstâncias.

Muito obrigada.

 Helena Carreiras

Ministra da Defesa Nacional





Discurso do Almirante CEMA e AMN

Senhora Ministra da Defesa Nacional, Excelência,

Ao conceder-nos a honra da sua ilustre presença, no dia em que se assinalam 524 anos desde a chegada da Armada de Vasco da Gama a Calecute, feito inequívoco da coragem e da qualidade dos marinheiros portugueses, sentimos este gesto como um reconhecimento pelo compromisso e pela dedicação dos que servem, hoje, Portugal na Marinha.

Agradeço, em meu nome e em nome da Marinha, a distinção que Vossa Excelência nos concede.

Excelentíssimo Senhor Vice-Presidente, da Câmara Municipal de Faro,

Quando recebemos o convite para celebrar o Dia da Marinha em Faro, em 2020, foi com grande honra que aceitámos o desafio. O contexto de pandemia que vivemos, nos dois últimos anos, obrigou-nos a adiar todas as atividades públicas associadas às comemorações do Dia da Marinha. Esta foi uma decisão difícil, ditada pelo objetivo maior de focarmos a nossa atenção e os nossos esforços na segurança dos portugueses.

Após o processo de vacinação da COVID-19, temos agora a oportunidade de nos aproximarmos mais da sociedade, em

particular dos farenses, gente de trabalho, briosos e honrados, que têm fortíssimas convicções e vivências marítimas.

Estamos aqui, em Faro, com o objetivo de dar a conhecer quem somos e o que fazemos, oferecendo aos seus habitantes a oportunidade para conhecerem os valores que caracterizam a Marinha e com os quais, estou certo, se identificam.

A comemoração do Dia da Marinha deste ano é também uma oportunidade para testar e avaliar a capacidade logística da Marinha, projetando cerca de 1200 militares para um cenário distante da Base Naval, e para exercitar a operação e projeção das nossas forças.

Hoje prestam serviço ativamente na Marinha, 66 militares, militarizados e civis que nasceram no concelho de Faro e que servem com brio e merecido orgulho nas suas origens. Ao longo dos séculos, serviram Portugal na Marinha milhares de portugueses oriundos desta cidade e da região do Algarve.

Urbe antiga, primeiro Ossonoba, depois Santa Maria de Faaron e, finalmente, Faro, a cidade foi desde a sua génese, um dos mais importantes e prósperos centros urbanos da região sul de Portugal.



Sempre com o mar no horizonte, Faro foi entreposto comercial, alicerçada no seu porto seguro, que se especializou no comércio de produtos agrícolas do interior algarvio, peixe, minérios e à exploração e comércio de sal.

Faro é passado, mas é também futuro. A cidade de Faro, capital política e administrativa do Algarve, detém a maior parte dos serviços administrativos da região e, por conseguinte, atratividade para a implantação de atividades económicas.

Esta cidade assumiu a sua vocação cosmopolita e a Universidade do Algarve é um exemplo a seguir, sendo um polo dinamizador. A comunidade dos seus professores, investigadores, alunos e empreendedores estão a preparar e a projetar o futuro do país, na vanguarda do conhecimento.

Senhor Presidente, em nome da Marinha, agradeço a forma calorosa como a Autarquia acolheu a proposta de festejarmos, nesta magnífica cidade de boa gente, o Dia da Marinha 2022, manifestando o meu profundo reconhecimento pela forma amiga como os farenses nos acolheram e nos facilitaram condições para celebrar a Marinha.

*Excelentíssimo Senhor Secretário de Estado da Defesa Nacional
Senhor Presidente da União de Freguesias de Faro
Senhores Almirantes Antigos Chefes do Estado-Maior da Armada,
Senhor Vice-Almirante Vice-Chefe do Estado-Maior da Armada,
Senhores Tenentes-Generais, Vice-Chefes, em representação dos Chefes do Estado-Maior dos Ramos,*

*Senhor Comandante Geral da Guarda Nacional Republicana,
Magnífico Reitor da Universidade do Algarve
Senhor Secretário-Geral da Defesa Nacional
Senhor Diretor-Nacional da Polícia Judiciária
Senhores Presidentes do Conselho de Administração da IdD e da ETI Empordef,*

*Senhores Vereadores e demais Autarcas,
Reverendíssimo Bispo das Forças Armadas,
Senhor Presidente da Liga dos Combatentes
Senhores Oficiais Gerais,
Ilustres Autoridades Civas, Militares e Religiosas,
Militares, Militarizados e Civas da Marinha e AMN,
Minhas Senhoras e meus Senhores,
Distintos Convidados,
Cidadãos de Faro,*

Agradeço a todos os que quiseram distinguir-nos com a sua presença, confirmando o carinho e consideração que manifestam à Marinha e aos marinheiros portugueses.



Dirijo, igualmente, uma palavra de agradecimento à população de Faro, pela forma como correspondeu ao convite para visitar e participar activamente nas diversas actividades que aqui trouxemos. Bem-hajam!

Permitam-me cumprimentar, de forma muito especial, as associações de ex-militares e combatentes que participam neste dia festivo, marinheiros que serviram e honraram, na Marinha, a Pátria amada.

A vossa presença constitui um ato de exaltação da memória e tributo aos camaradas que já não estão entre nós. Aqui homenageamos o exemplo e o legado que, todos os dias, nos continua a inspirar!

*Militares, Militarizados e Civas da Marinha,
Todos aqueles que servem na Marinha e a Autoridade Marítima Nacional*

A Marinha é uma organização que resulta de uma cultura assente na sua componente humana, nas mulheres e nos homens que servem a instituição, sejam militares, militarizados ou civis.

Todos vós sois essenciais e extremamente relevantes para o desempenho da Marinha. Sois o ativo mais valioso da nossa organização, decisivos para a nossa capacidade de atuação e fator determinante para o sucesso.

Enquanto Comandante da Marinha gostaria de reafirmar a necessidade de nos focarmos no ethos coletivo, na nossa cultura própria, definida por valores, práticas, atitudes, formas de estar e de agir em que a disciplina, centrada em valores e competências, são elementos essenciais.

Como já afirmei na minha Diretiva Estratégica, a exigência e o rigor não são incompatíveis com um tratamento correto e justo da componente humana, onde se criem oportunidades para o desenvolvimento e motivação dos seus elementos.

Acredito que a aposta na valorização dos recursos humanos, na sua capacitação técnica, tecnologicamente evoluída, a par de remunerações justas e compatíveis com os recursos nacionais, são essenciais para a motivação, recrutamento e retenção do pessoal.

É por isso, que está já em curso, a revisão dos conteúdos formativos e académicos de oficiais, sargentos e praças.

Dei instruções para que fossem incrementados os conhecimentos informáticos, de segurança informática e administração de redes, criando, também, uma especialização de ciberdefesa para as praças.

Emanei, também, orientações para fossem ministradas matérias relacionadas com projetos de estruturas e de materiais, assim como, de análise operacional orientada e focada para as operações navais.

E vamos edificar uma especialização em Autoridade Marítima, visando os oficiais colocados na AMN, bem como, os comandantes das unidades navais em missões de apoio à AMN.

Acompanhou a visão da Senhora Ministra da Defesa Nacional. Pessoas mais capacitadas tecnicamente, estão mais bem preparadas e mais motivadas para encarar o futuro. A formação técnica é fator atrativo das organizações. E as organizações são as pessoas que nelas servem.

A Marinha é diferente! Nós somos diferentes!

Estar na Marinha, trabalhar na Marinha, viver a Marinha, mesmo em tempo de paz, exige uma elevada disciplina e entrega permanente.

Estar a bordo, meses a fio, em operações navais ou anfíbias, nacionais ou internacionais, atribuídos, por exemplo, ao Comando de Zona Marítima do Sul, onde nos encontramos, exige da componente humana, uma elevada taxa de esforço e ausência, amiúde e constante, das famílias.

Operar em espaços exíguos, por longos períodos de tempo, no mar, que é já por si um elemento desafiante em qualquer situação, é uma batalha diária, mas também uma vocação.

Quero referir que o mar, meio em que operamos, e o facto de sermos militares, exige que o nosso desempenho esteja sempre a um nível que nos permita operar em segurança e com resiliência nas nossas missões. A cultura de exigência dos comandos, e até entre pares, é imprescindível, pois as nossas vidas dependem deste rigor e da excelência de procedimentos.

É, por esta razão, que exijo que os comandos subordinados comandem pelo exemplo e estabeleçam nas suas unidades elevados padrões éticos, morais e militares, sem desculpas, ou tibiezas.

Só com uma entrega total às missões, com sacrifícios e com um ethos secular, como alicerces, é possível cumprir as nossas missões.

Nestes sacrifícios, mesmo em tempo de paz, para os pais e mães da Marinha, inclui-se prescindir amiúde do acompanhamento e do crescimento diário dos seus filhos, memórias essas insubstituíveis.

Envio, por isso, uma palavra de profunda gratidão para as nossas famílias, o porto de abrigo na chegada de cada missão, o nosso amparo de todos os dias, na retaguarda.

Dirijo uma saudação muito especial àqueles que, no mar e em terra, cumprem, hoje, a Missão da Marinha em teatros de operações internacionais, sem esquecer os que, em território nacional, asseguram o dispositivo naval padrão.

Hoje, perante vós, exemplo de todos quanto servem na Marinha e na AMN, quero afirmar, de viva voz, que estando no início do meu comando, sem completar ainda 5 meses, tenho por todos vós um enorme apreço, respeito e estima.

Minhas senhoras e meus senhores

Do ponto vista geográfico, a posição e dimensão dos espaços marítimos sob jurisdição ou soberania nacional são cruciais para a liberdade de ação do mundo ocidental, extraordinariamente dependente do comércio marítimo e da conectividade atlântica, assim como, para qualquer disputa à volta do espaço terrestre – a Eurásia.

Tendo presente este enquadramento e potenciais vazios de poder que possam resultar da inação ou incapacidades nacionais, poder-se-á concluir que Portugal se encontra perante um dilema: ou assume um papel de relevo nos assuntos marítimo-navais na sua região, ou ver-se-á substituído, nesse papel, por outros atores, perdendo certamente importância geoestratégica de que ainda goza.

É uma evidência, para mim, que um Portugal marítimo capaz será mais forte na cena internacional. Estou certo que um

Portugal marítimo é a única via para o reforço da nossa soberania e desenvolvimento económico.

Nestas circunstâncias, a Marinha deve, pela abrangência das funções - defesa, segurança, autoridade e desenvolvimento - desempenhar um papel estruturante no aproveitamento das potencialidades geopolíticas, geográficas e geoeconómicas que o mar nos abre.

Neste papel releva-se, como exemplo, o desempenho e o contributo da Marinha portuguesa para a segurança marítima no Golfo da Guiné e o significado geoestratégico e geoeconómico desta atenção.

O modelo de duplo uso é uma conceptualização de sucesso com fortes raízes históricas, sinérgicas e economicamente eficiente, da atividade desenvolvida pela Marinha. Está dividida em duas naturezas complementares interligadas e coexistentes: uma essencialmente militar e outra não militar, a partir de um núcleo comum assentes nos recursos, estruturas e cultura organizacional, que incluem escolas e centros de treino, manutenção e abastecimento.

A multiplicação de atores estatais, com responsabilidades sobre o mar, contribui frequentemente para atuações incoerentes e dessincronizadas.

Países de pequena dimensão e poder não podem e não conseguem suportar múltiplas Marinhas que sejam todas eficazes, cada uma com focos específicos numa parte da atividade marítima.

É, por isso, que entendo que uma Marinha holística, sem cegueira seletiva, a operar no mar de forma abrangente, corresponderá às necessidades estratégicas, otimizando recursos e capacidades. Só deste modo estaremos preparados para aquele que considero ser o grande desafio da humanidade deste século, o mar, enquanto última fronteira terrestre para o desenvolvimento.

Em consequência disso, a Marinha será sempre importante para o país e as suas missões têm uma abrangência que ultrapassa a de um simples ramo militar.

Considero, assim, que a Marinha é muito mais que um ramo militar.

Minhas senhoras e meus senhores

Na passada semana, o governo autorizou a realização de despesa para aquisição de um navio completamente inovador, uma plataforma polivalente, que dará apoio a missões



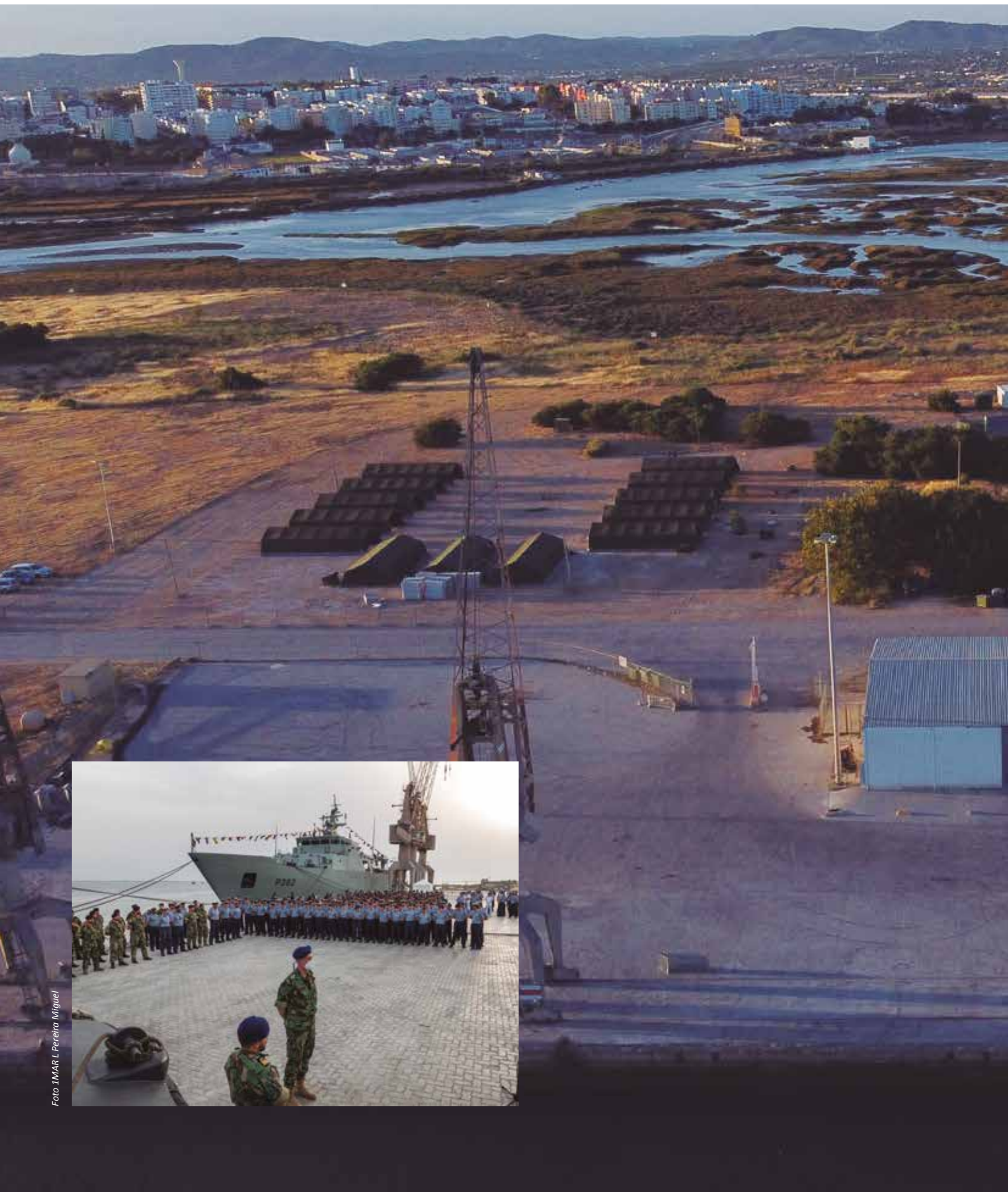
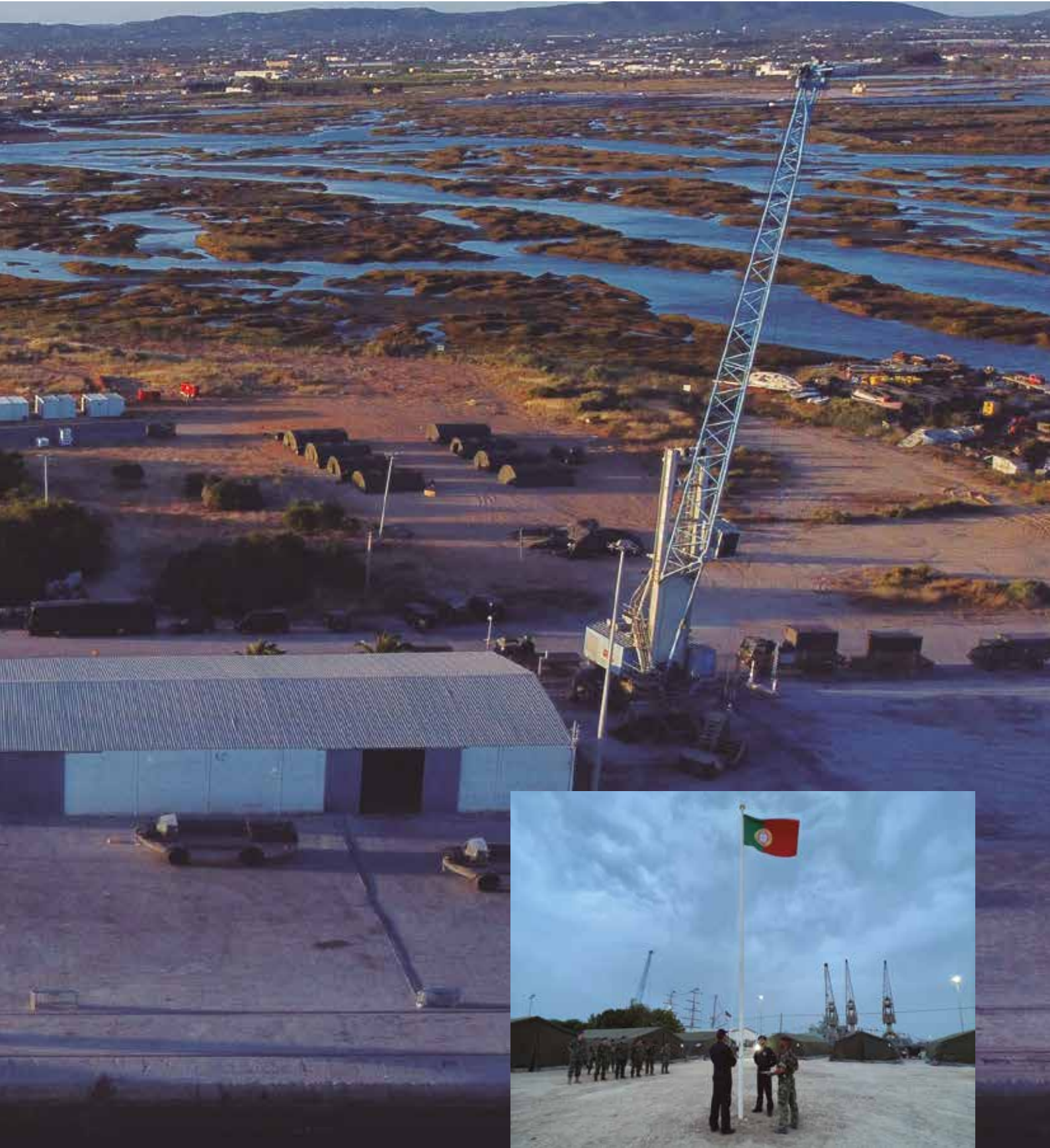


Foto: IMAR L. Pereira Miguel



ambientais, científicas, de emergência, e que pode ter também exercer funções militares.

Está previsto o navio estar pronto e ser adicionado ao sistema de forças em 2026. Esta será a plataforma do futuro. É o primeiro navio que vai ser desenhado de raiz com um conceito totalmente revolucionário, em que pretendemos envolver a indústria, a academia portuguesa e a ciência nacional.

Este navio vai ser multi-domínio, atuando no mar à superfície, à sub-superfície e no ar, através do lançamento de drones, tendo ainda a capacidade para projeção e transporte de pessoas.

Este cariz modular é determinado pela transformação da plataforma em função do interesse nacional e do local geográfico em que vamos atuar. Trata-se de um conceito completamente revolucionário, como foi dito.

O objetivo final é tornar esta plataforma como modelo, para podermos desenvolver, no futuro, navios do mesmo tipo, mais evoluídos, que possam vir a substituir as fragatas.

O contrato para os seis novos NPOs, mais modernizados e mais militarizados, também já tem luz verde do governo para avançar, vindo conferir resiliência e capacidade à Marinha.

Estamos assim a mudar a Marinha. Sei que o processo de transformação em curso, tornando a Marinha tecnologicamente avançada, focada na sua missão de servir Portugal, é um projeto para mais que uma geração. Sei, também, que os que servem a Marinha, hoje, estão prontos e envolvidos profundamente neste desígnio.

Ao juntarmos a academia, a ciência, a indústria e a tecnologia portuguesa, em torno deste projeto, estaremos a ser catalisadores nacionais, a alavancar a economia, e a possibilitar que Portugal esteja mais preparado para o futuro.

É por isso que sublinho, a Marinha tem um papel verdadeiramente holístico na sociedade.

Senhora Ministra da Defesa Nacional

Nesta magnífica cidade quero, a terminar, afirmar:

Que é minha convicção que Portugal vai focar-se cada vez mais no mar, a fronteira de oportunidade que se nos abre ao futuro. A nossa geografia assim o exige e a história assim nos lembra. Pode contar com esta Marinha, útil e significativa, para a afirmação de Portugal no mundo.

Que ao movimentarmos cerca de 1200 militares, meios e capacidades, num curto espaço de tempo, acampados em tendas, fora da zona de conforto, é uma demonstração e um exemplo que Portugal poderá contar com esta Marinha para o que dela precisar, em qualquer circunstância, em qualquer lugar, sem aviso prévio.

E

Que, sintetizando as minhas palavras, pode contar com uma Marinha holística, pronta, útil, focada, significativa e tecnologicamente avançada para proteger e promover os interesses de Portugal no e através do mar.

Termino com versos de António Ramos Rosa, poeta, farense, do seu poema, Não posso adiar o amor! que sintetizam o compromisso, a disponibilidade, a ambição e a paixão dos marinheiros que servem na Marinha e na AMN:

*não posso adiar para outro século a minha vida
nem o meu amor
nem o meu grito de libertação
Não posso adiar o coração.*

Esse coração para nós é um Portugal Marítimo.

Disse



Henrique Eduardo Passaláqua de Gouveia e Melo

Almirante



COMISSÃO CULTURAL DA MARINHA

De 3 a 22 de maio a Comissão Cultural de Marinha (CCM) marcou presença em diferentes pontos de Faro. Os locais de eleição foram, porém, o Centro Comercial Fórum Algarve, o Museu Municipal (MMF) e o Museu Marítimo Almirante Ramalho Ortigão (MMRO), onde exposições interativas, demonstrações operacionais e oficinas procuraram cativar a atenção de numeroso público.

O setor cultural não só venceu a operacionalidade da Marinha, mas também mostrou ser o sustento histórico e a prova de que a cultura é indissociável do mar, que somos todos nós.

FÓRUM ALGARVE

As fins de semana, a batuta da Banda da Armada animou os visitantes do Fórum Algarve, com grandes sucessos interpretados pelo Quarteto de Clarinetes e pelo Quinteto de Metais. O anfiteatro natural do Fórum potenciou a difusão do som clássico de obras musicais que encantaram todos os que por ali passaram.

Também esteve presente a exposição itinerante alusiva ao Centenário da Travessia Aérea do Atlântico Sul, sublinhando a importância do feito de Sacadura Cabral e por Gago Coutinho, este último natural de São Brás de Alportel.

MUSEUS

No MMF, a tecnologia de realidade virtual fez as delícias de quem “visitou” a Fragata *D. Fernando II* e *Glória* e também o Aquário Vasco da Gama, através da janela virtual para o oceano, lado a lado com experiências digitais da Banda da Armada, o *podcast* “MarinhaCast” da Biblioteca Central de Marinha e a Revista da Armada.

No altar da igreja do MMF, bandas desenhadas realistas e uma mesa interativa, alusivas às Navegações portuguesas, captavam os visitantes, acompanhados por oficiais da CCM e do Museu de Marinha, que aprofundavam e complementavam a história ali contada em imagens.



Foto 1MAR L Pereira Miguel

O MMRO, situado no Comando de Zona Marítima do Sul, foi objeto de inúmeras visitas, demonstrando a enorme apetência dos farenenses para os assuntos conexos com o mar.



Colaboração da **COMISSÃO CULTURAL DA MARINHA**

NORTE

NRP RIO MINHO

No âmbito das comemorações do Dia da Marinha 2022, o NRP *Rio Minho* esteve aberto a visitas à comunidade civil, no dia 20 de maio de 2022, em Vila Nova de Cerveira.

O NRP *Rio Minho*, em missão permanente no Troço Internacional do Rio Minho, abriu a visitas pela primeira vez após o período de reparação efetuado.

Durante esse dia, o navio recebeu cerca de 100 pessoas, tendo contado com a visita de escolas dos concelhos mais proximidades, de diversos peregrinos do Caminho de Santiago, da comunidade piscatória e do Presidente da Junta de Freguesia de Vila Nova de Cerveira.



Colaboração do **COMANDO DA ZONA MARÍTIMA / DEPARTAMENTO DO NORTE**



ATUAÇÕES DA BANDA DA ARMADA

Levantada uma boa parte das restrições sanitárias que a pandemia acarretou ao longo dos últimos dois anos, a Banda da Armada – por excelência um veículo promotor da cultura naval portuguesa – levou a cabo, ao longo de vinte dias de maio de 2022, um conjunto de representações artísticas englobadas nas comemorações do Dia da Marinha, numa lógica de geometria variável e num diálogo entre grupos de música de câmara e a Banda, no seu todo.

FARO, FORUM ALGARVE

A Marinha pôde voltar a celebrar o seu dia de forma plena. Desta feita, na cidade de Faro. Numa ambiência comemorativa, a Marinha promoveu uma plêiade de atividades culturais e militares com o objetivo de demonstrar ao mundo civil, ainda que de forma sintetizada, as múltiplas valências e campos de ação que, quotidianamente, desenvolve.

A participação da Banda da Armada no Dia da Marinha 2022 iniciou-se no primeiro fim de semana de maio com a participação do quinteto de metais, na cidade de Faro. Os transeuntes que se encontravam no *Fórum Algarve* foram surpreendidos com o espírito festivo e contagiante tão próprio dos músicos

marinheiros. *Mutatis mutandis*, o mesmo se observou no fim de semana seguinte. Porém, desta vez, com o quarteto de clarinetes a fazer as honras da casa.

CONCERTO SOLIDÁRIO

Associando-se, uma vez mais, ao espírito filantropo do *Rotary Club Internacional Lisboa Francófono*, na tarde de dia 15, em Lisboa, no Pavilhão das Galeotas, a Banda da Armada realizou um concerto de beneficência, cuja receita reverteu para a Associação de Proteção à Rapariga e à Família.

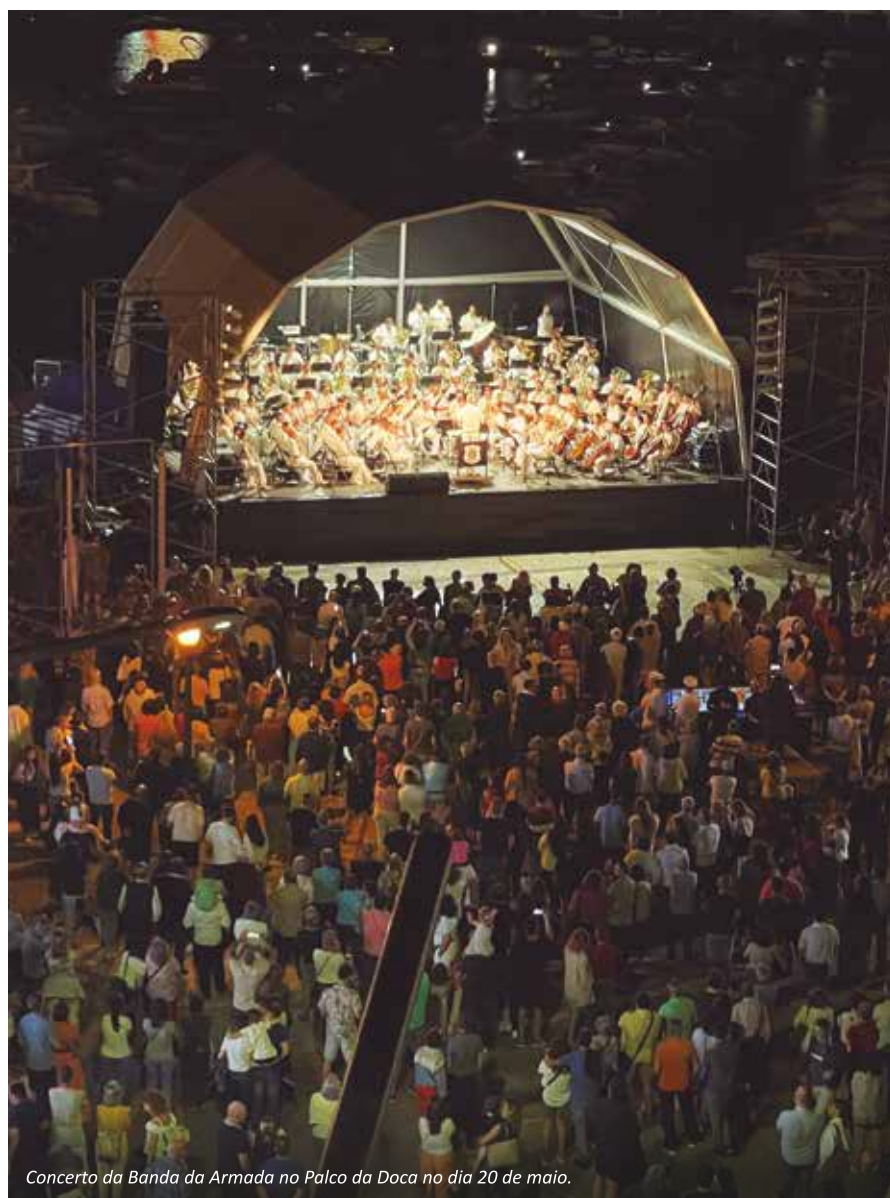
Num programa maioritariamente dedicado à música operática do romantismo, e sob a direção do Chefe da Banda, CFR MUS Délio Gonçalves, não faltaram obras como a abertura da opereta *Poeta e Aldeão*, de Franz von Suppé, a abertura da ópera *Guilherme Tell*, de Gioachino Rossini, ou a Dança Festiva, da ópera *Fausto*, de Charles Gounod.

Ponto alto deste concerto foi a execução da famigerada obra *Carnaval de Veneza*, de Paul-Agricole Génin. Construída sobre o arquétipo tema e variações, numa orquestração para saxofone e banda da autoria do STEN MUS Samuel Pascoal, *Carnaval de Veneza* foi interpretada, com total brilhantismo, pelo saxofonista CAB B Roberto Gonçalves.

CONCERTO PÚBLICO AO AR LIVRE

No dia em que se voltou a rememorar a chegada de Vasco da Gama a Calecute, entrando-se no âmago das comemorações, a Banda da Armada apresentou-se no Palco da Doca, na Baixa da cidade de Faro, para realizar o já tradicional concerto público ao ar livre. Sob a direção do Chefe da Banda da Armada, e com a participação especial do cantor algarvio Nuno Guerreiro, os milhares de pessoas que ali se encontravam assistiram e contribuíram, entusiasticamente, para a realização de um espetáculo verdadeiramente especial. Estiveram presentes o Presidente da Câmara Municipal de Faro, Professor Rogério Bacalhau, e o CEMA/AMN, ALM Henrique Gouveia e Melo.

Foto 1MAR L Pereira Miguel



Concerto da Banda da Armada no Palco da Doca no dia 20 de maio.

CONCERTO OFICIAL DM22

Na reta final das comemorações, no dia 21 de maio, pelas 18H30, no Teatro das Figuras, teve lugar o concerto oficial do Dia da Marinha.

Invocando a resiliência da Humanidade para com a pandemia e a premência de construir um mundo melhor, o concerto, ao leme do qual esteve o CFR MUS Délio Gonçalves, principiou com a obra *Revival*, do 2SAR B Pedro Pires. Seguidamente, com total mestria, foi interpretado o 1.º andamento do *Concerto n.º 1 para piano e orquestra*, de Piotr Tchaikovsky, numa transcrição de Jos van Braak; foi solista a pianista da Banda da Armada, 1MAR Lara Lopes. Para terminar a primeira parte do concerto, lembrando a necessidade de fazer a paz e zelar por ela, do compositor David Maslanka, apresentou-se a obra *Hino para a paz mundial*.

A segunda parte abriu com a estreia mundial de *Ossónoba*, do já aludido compositor algarvio Pedro Pires. Encomendada para as comemorações do Dia da Marinha 2022, *Ossónoba* relata, através da arte dos sons, as aventuras e desventuras porque passou a atual cidade de Faro. No ocaso do concerto oficial, o cantor Nuno Guerreiro, acompanhado pela Banda da Armada, presenteou a plateia com vários temas da sua autoria. Entre outros, foram cantados *Ladrão*, *Duplo Sentido*, *Ir em Cantigas* e *Caçador de Sóis*, que encantaram a assistência.

Estiveram presentes o Presidente da Câmara Municipal de Faro, Professor Rogério Bacalhau, e o CEMA/AMN, ALM Henrique Gouveia e Melo, que no final do concerto se dirigiram ao palco, donde endereçaram elogiosas palavras à prestação da Banda da Armada.

OUTROS ATOS

No dia 22 de maio, a Banda da Armada marcou presença:

- Na cerimónia religiosa, decorrida na histórica Igreja de S. Pedro.



Atuações avulsas no Forum Algarve.

Foto Estágio Carolino, Universidade Lusófona

– Na cerimónia militar que, presidida pela Ministra da Defesa Nacional, Prof. Doutora Helena Carreiras, teve lugar junto ao Jardim Manuel Bivar.

Músicos da Banda foram responsáveis pelo “fundo” musical no decorrer do almoço oficial na Escola de Hotelaria e Turismo.



João Andrade Nunes

CAB B



Concerto no Teatro das Figuras com atuação do cantor Nuno Guerreiro.

Foto 1MAR L Pereira Miguel

PREDOMÍNIO E PODER DO SIMBÓLICO

3. SÍMBOLOS DA MARINHA PORTUGUESA

«O cerne das organizações militares é o seu elemento humano: as mulheres e os homens que servem na instituição – militares, militarizados ou civis. A qualidade do elemento humano, ativo mais valioso da nossa organização, influencia decisivamente a nossa capacidade de atuação e é um fator determinante para o sucesso. Todas as organizações, de uma forma ou de outra, tendem a desenvolver uma cultura própria, ou personalidade, definida por valores, práticas, atitudes, formas de estar e agir. Essa personalidade partilhada, ou ethos, encontra-se na sua componente humana».

Almirante Henrique Gouveia e Melo,
Chefe do Estado-Maior da Armada

Interveniente na reconquista cristã da península Ibérica, D. Fuas Roupinho foi o primeiro almirante da Marinha Portuguesa e um denodado companheiro de D. Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal. Saído de Lisboa no comando de uma armada, a 29 de julho de 1180 vencia os mouros numa batalha naval ao largo do cabo Espichel. Não obstante, a sua fama tornar-se-ia lendária numa ação de caráter lúdico quando era Alcaide-mor do castelo de Porto de Mós, cargo que D. Afonso Henriques lhe havia outorgado pelo seu desempenho na luta contra os sarracenos. De acordo com a lenda, a 14 de setembro de 1182 envolveu-se numa caçada debaixo de denso nevoeiro. Na perseguição de um veado, separou-se dos seus companheiros quando este debandou na direção de uma falésia de onde se precipitaria, no Sítio da Nazaré. *In extremis*, quando o seu cavalo estava prestes a despenhar-se, D. Fuas Roupinho vislumbrou sob o rochedo a pequena gruta onde era venerada a imagem da Virgem Maria com o menino Jesus. Rogando em voz alta “Senhora, valei-me!”, nesse preciso momento surgiu no céu a Virgem com o menino e o seu cavalo estacou, de pronto, ficando as patas traseiras no penedo suspenso sobre o vazio. Recuperado do susto, desceu à gruta para rezar e agradecer o milagre que lhe salvou a vida.

Muito embora se trate de um *ex-evento*, a lenda da Nazaré foi protagonizada pelo primeiro almirante da Marinha Portuguesa. Com o intuito de facilitar a sua veneração, D. Fuas Roupinho mandou que sobre a antiga gruta, junto ao denominado “bico do milagre”, fosse edificada a Ermida da Memória para nela colocar a referida imagem de Nossa Senhora. De acordo com o pergaminho que se encontrava no cofre descoberto sob o altar existente na gruta, a imagem da Virgem Maria havia sido venerada em Nazaré, na Galileia, nos primeiros tempos do cristianismo. Supostamente esculpida pelo próprio S. José, a imagem de Maria a amamentar o menino Jesus tem apenas 25 centímetros de altura e o seu rosto terá sido pintado, mais tarde, por S. Lucas, padroeiro dos pintores e artistas. Trazida no século V por um monge grego para o mosteiro de Cauliniana, na Hispânia, ali permaneceu até 711. Na sequência da grande derrota sofrida pelos cristãos contra os mouros na batalha de Guadalete, D. Rodrigo (687-c. 711), último rei visigodo da península, viu-se obrigado a procurar refúgio naquele mosteiro. Apesar de disfarçado, seria reconhecido por Frei Romano e ambos concluíram que, permanecendo ali, correria perigo. Para evitar que pudesse cair nas mãos dos sarracenos, resgataram a imagem da Virgem e levaram-na para o litoral da costa atlântica ocidental, juntamente com um cofre onde se encontravam as relíquias de São Brás (c. 264-c. 316) e de São Bartolomeu (? - 51), que até 1182 permaneceria escondido sob o altar da gruta da Nazaré.

PADROEIRA

Para albergar o número crescente de peregrinos e devotos, D. Fernando I (1345-1383) fundou em 1377 o Santuário de Nossa Senhora da Nazaré, cuja construção se prolongaria até ao início do século XVII. No sentido de facultar a sua adoração, é no respetivo altar que está exposta a imagem primitiva, presentemente alvo de restauro, encontrando-se na Ermida da Memória uma réplica.

De acordo com a lenda, antes de largar para a viagem que inaugurou o caminho marítimo para a Índia, Vasco da Gama (c.1469-1524) foi em peregrinação ao promontório da Nazaré, para rezar e suplicar proteção da Virgem. Em sinal de devoção, trocava a sua grossa corrente de ouro pelo colar de contas de Nossa Senhora da Nazaré. Reza a tradição que, por alturas do cabo da Boa Esperança, quando a intempérie colocou os navios em perigo, Vasco da Gama atirou o colar de contas às furiosas águas, que de pronto amainaram. Em sinal de agradecimento pelas bênçãos recebidas durante a sua inaudita viagem, após regresso a Portugal Vasco da Gama voltaria ao Sítio da Nazaré, tendo oferecido à Virgem um precioso manto. Para assinalar as peregrinações do Almirante da Índia, em 1939 era colocado junto à Ermida da Memória um padrão alusivo, encimado pela Cruz de Cristo. Pedro Álvares Cabral (1467-c.1520) também terá ido em romaria à Nazaré, antes de partir para a sua viagem à Índia em 1500, que *en route* oficializou o descobrimento do Brasil. Naquele país, existem hoje diversas igrejas consagradas



CFR António Gonçalves

Quadro alusivo ao milagre no Santuário da Nazaré.

a Nossa Senhora da Nazaré, nomeadamente em Belém do Pará, que é, inclusivamente, a maior manifestação da fé católica na América do Sul. Numa iniciativa conjunta da Câmara Municipal da Nazaré e do Governo do Estado do Pará, encontra-se em curso, junto da UNESCO, a candidatura do culto da Virgem da Nazaré a Património Imaterial da Humanidade, que a 14 de novembro de 2018 foi apresentado ao Papa Francisco, em Roma, tendo merecido o melhor acolhimento do Santo Padre. Paralelamente à visita de algumas rainhas devotas no século XVI, também o padre jesuíta S. Francisco Xavier (1506-1552), conhecido como o “Apóstolo do Oriente”, terá cumprido a sua peregrinação ao Santuário da Nazaré, antes de partir para Goa em 1541.

A história da imagem da Virgem da Nazaré foi pela primeira vez publicada em 1609 pelo cronista-mor do reino, Frei Bernardo de Brito (1569-1617), na obra *Monarchia Lusytana*. Venerada há séculos, o culto de Nossa Senhora da Nazaré é uma das mais antigas manifestações de devoção mariana em Portugal. Ligado de forma indissociável ao milagre da Nazaré, que evitou a morte prematura do primeiro almirante português, e durante séculos conferiu proteção às atividades marítimas dos portugueses, a Virgem Maria é a padroeira da Marinha Portuguesa. Sendo a *Ave Maris Stella* padroeira dos navegantes e dos homens do mar, nas comunidades piscatórias e póvoas marítimas da costa portuguesa a devoção popular consagrou, ao longo dos séculos e sob várias designações – e.g. Nossa Senhora da Nazaré, Nossa Senhora dos Navegantes, Nossa Senhora da Guia, Nossa Senhora do Mar, Nossa Senhora do Cabo ou Santa Maria da Pedra de Mua, Nossa Senhora das Candeias, Nossa Senhora da Boa Viagem, Nossa Senhora da Esperança ou da Boa Esperança, etc. – diversos rituais em sua homenagem e ofertas votivas. De índole piedosa, a oferta votiva é conhecida como *ex-voto suscepto* (voto realizado), abreviadamente *ex-voto*, denominação atribuída à dádiva que o fiel oferece à entidade sagrada, simbolizando a consagração, a renovação ou o agradecimento pela promessa atendida. Na sua essência, os *ex-votos* são obras de arte de cariz popular.



Muito embora se encontre integrada na estrutura da Autoridade Marítima Nacional, em 2013, aquando da ordenação do brasão de armas da Capitania do Porto da Nazaré, o Gabinete de Heráldica Naval incorporou no respetivo escudo os principais elementos alusivos ao milagre que salvou D. Fuas Roupinho, que por

afinidade também se encontram no escudo do Comando Local da Polícia Marítima da Nazaré.

Descrição heráldica – Escudo de ouro com rosa de azul com centro e sépalas de prata, posta em chefe com duas âncoras de vermelho nos flancos. Ponta de negro carregada com um massacre de veado de prata.

Simbologia – O campo de ouro simboliza a fé, a firmeza e o poder. A rosa alude à Rosa Mística, sinónimo da Virgem, que providencialmente salvou o primeiro almirante da Marinha Portuguesa. A ponta de negro representa a falésia onde o milagre impediu D. Fuas Roupinho de se precipitar quando perseguia o veado, figurado no respetivo massacre de prata. Além de atributo do almirantado e símbolo de constância, firmeza e segurança, as âncoras sublinham a ligação ao mar e à Autoridade Marítima Nacional.

A Marinha Portuguesa é o ramo naval das Forças Armadas que se integra na administração direta do Estado através do Ministério da Defesa Nacional. Do ponto de vista histórico e comprovado pela documentação, é a mais antiga Marinha do mundo. Formalmente, cumpriu 705 anos em 2022, muito embora a sua gênese e feitos remontem à fundação da nacionalidade.

De acordo com o estipulado no artigo n.º 40 da respetiva Lei Orgânica, a Marinha Portuguesa tem brasão de armas, bandeiras heráldicas, divisa e hino, além de dia festivo para consagração da sua memória histórica. Complementarmente, conta com outros símbolos igualmente relevantes, como a divisa consignada às unidades navais, o grito de guerra, a marcha, o patrono, a Cruz de Cristo e o seu *ex-libris*. Reconhecidos pelos portugueses, os símbolos da Marinha Portuguesa são elementos cruciais para a coesão e espírito de corpo entre os militares, militarizados e civis que nela servem.

BRASÃO DE ARMAS



Consagrados no respetivo normativo heráldico, a cor e o metal da Marinha Portuguesa são, respetivamente, o azul e a prata. O azul simboliza o zelo, a lealdade e a boa reputação, e a prata expressa a integridade, a firmeza e a obediência. Integrado no *Regulamento de Heráldica da Armada*, o brasão de armas foi aprovado pela Portaria n.º 722/72, de 14 de dezembro, do Ministro da Marinha, Vice-

almirante Pereira Crespo (1911-1980).

De azul com um golfinho de prata. É desta forma prosaica que é feita a leitura heráldica do escudo da Marinha Portuguesa, que encimado pelo coronel naval confere corpo ao respetivo brasão de armas. Sobreposto ao conjunto surge um primeiro listel com o grito de guerra “São Jorge” e sotoposto um segundo com a divisa “Talent de Bien Faire”, ambos de prata.

GRITO DE GUERRA

“São Jorge” era o grito de guerra que começou a ser usado pelos portugueses no reinado de D. João I (1357-1433). Além de invocar a proteção daquele santo nos combates, a alteração teve o propósito de os distinguir dos castelhanos, na medida em que até então todos os reis cristãos na península Ibérica tinham como grito de guerra comum – “Santiago” – patrono da luta contra os sarracenos. Não obstante, no século XVI os portugueses já haviam retomado o grito de guerra primevo. Pela forte conotação simbólica com o sentimento de independência nacional, “São Jorge” seria o grito de guerra adotado pela heráldica da Marinha Portuguesa, aquando da sua criação em 1972.

DIVISAS

A divisa da Marinha Portuguesa é, desde 1894, o célebre “Talent de Bien Faire”, lema do Infante D. Henrique (1394-1460) e seu patrono. Por iniciativa do rei D. Carlos I (1863-1908), a 5 de julho de 1894, por ocasião das comemorações dos 500 anos do nascimento do Infante D. Henrique, o Conselho do Almirantado mandava publicar em Ordem da Armada:

«Considerando do maior interesse moral que a marinha de guerra portuguesa tenha sempre ante os olhos uma legenda breve e incisiva, que lhe estimule os brios e avive as recordações de um passado glorioso, impondo-se pela sua alta significação histórica ao respeito de nacionais e estrangeiros; Reconhecendo-se que nenhuma outra corresponde a esse carácter sugestivo e tradicional melhor do que a divisa adoptada pelo Infante D. Henrique, iniciador da nossa brilhante epopêia; Sua Majestade El-Rei, desejando

consagrar perenemente a recordação do quinto centenário do grande Infante com tanto esplendor celebrado há pouco tempo pela cidade do Porto e pelo paiz inteiro, e aprazendo-lhe dar um novo testemunho de consideração pela marinha portuguesa, representante e leal depositária das mais eminentes tradições da história pátria:

Manda, pelo conselho do almirantado, que o lemma até hoje adoptado nos nossos navios de guerra seja substituído pelas palavras Talant de bien faire, que ficarão d'ora avante sendo a divisa da marinha de guerra portuguesa devendo essa divisa ser inscrita, em todos os seus navios em lugar de honra e bem visível sobre a tolda e figurar, segundo a forma devidamente regulamentada, nos brasões, emblemas, monografias e timbres da marinha de guerra».



Uma vez que não foi publicado qualquer diploma legal visando esta alteração, a anterior divisa, nascida do espírito do Ministro da Marinha José da Silva Mendes Leal (1820-1886), continua hoje bem visível nos navios da Marinha Portuguesa, exortando todos os que neles servem a honrar o compromisso que, sob juramento solene, assumiram para com a pátria. Aprovada por portaria de 20 de março de 1863, “A Patria Honrae que a Patria vos Contempla” é, assim, a divisa das unidades navais da Marinha Portuguesa.

ESTANDARTE HERÁLDICO



Contido no *Regulamento de Heráldica da Armada*, o estandarte heráldico da Marinha Portuguesa foi aprovado pelo Ministro da Marinha, Vice-almirante Pereira Crespo, a 14 de dezembro de 1972, e publicado na OA1 n.º 1, de 3 de janeiro de 1973. Confecionado em tecido de seda bordado, trata-se de um esquartelado de branco e azul, bordadura contra-esquartelada do primeiro e do segundo, acantonada dos mesmos, brocante uma estrela de quatro

pontas esquartelada e contra-esquartelada dos contrários. Sobre este ordenamento, o escudo do respetivo brasão de armas envolvido por folhagens de louro em ouro, em fundo de vermelho, circundado por um listel de branco com a legenda em letras negras, estilo elzevir, sobreposto o grito de guerra “São Jorge” e sotoposto o lema “Talent de Bien Faire”, apartados por duas âncoras de negro nos flancos. Franjas de prata, cordões e borlas de azul e prata, haste e lança de prata. Este padrão de estandarte heráldico foi inspirado na denominada “bandeira velha”, primeira bandeira da Real Companhia dos Guardas-Marinhas.

BANDEIRA HERÁLDICA DE HASTEAR



A bandeira heráldica de hastear da Marinha Portuguesa foi aprovada por Despacho do Almirante CEMA, de 30 de maio de 2014, publicado na OA1 n.º 25, de 18 de junho. Trata-se de uma bandeira quadrada azul com um golfinho de branco entre quatro âncoras do mesmo nos cantões, com os anetes volvidos ao centro.

Sotoposto ao golfinho um listel de branco ondulado com a divisa “Talent de Bien Faire”.

HINO

O hino da Marinha Portuguesa foi instituído pela Portaria n.º 155, de 24 de junho de 1993, do Ministro da Defesa Nacional. De acordo com o Regulamento de Continências e Honras Militares, Decreto-Lei n.º 331/80, de 28 de agosto, cada Ramo das Forças Armadas deveria ter o seu próprio hino. Neste sentido, em outubro de 1992 o Estado-Maior da Armada (EMA) abriu concurso com vista a selecionar o poema para o hino da Marinha Portuguesa, tendo por base a música do compositor, maestro e organista Marcos António da Fonseca Portugal (1762-1830). Ainda que com outra letra, este trecho musical já constituía o hino da Escola Naval. Trata-se, em ambos os casos, de uma adaptação do epílogo da cantata *La Speranza o sai L'Augurio Felice*, composta por Marcos Portugal para as celebrações do aniversário do príncipe regente D. João (1767-1826), futuro D. João VI, que tiveram lugar em Lisboa a 13 de maio de 1809. Aquando do concurso lançado pelo EMA, o júri selecionou a letra submetida pelo então Aspirante a Oficial Jorge Moreira Silva.

MARCHA

A marcha da Marinha Portuguesa foi adotada por Despacho do Almirante CEMA, de 14 de junho de 1993. Trata-se da conhecida *Marcha dos Marinheiros*, com música de Carlos Calderon (1867-1945) e letra de Gustavo de Matos Sequeira (1880-1962) e José Pereira Coelho (1879-1963). Esta melodia, de cunho popular, cuja letra espelha as aventuras amorosas dos marinheiros portugueses, cativaria, desde o primeiro momento, a simpatia geral quando em 1936 surgiu no filme *Bocage*, do cineasta Leitão de Barros (1896-1967). A *Marcha dos Marinheiros* é normalmente interpretada pela Banda da Armada nos desfiles militares da Marinha Portuguesa, assim como no culminar dos respetivos concertos.

DIA FESTIVO

O Dia da Marinha celebra-se a 20 de maio, desde 1998. Trata-se da data de maior relevância para a maritimidade nacional, dia em que a armada de Vasco da Gama chegou a Calecute, Índia, em 1498, ligando pela primeira vez, por via marítima, a Europa ao Oriente. O seu simbolismo decorre de, naquela data, se ter finalmente concretizado o objetivo nacional que há décadas vinha sendo perseguido pelos navegadores e marinheiros portugueses.

Até 1998, o Dia da Marinha era celebrado a 8 de julho, data igualmente conotada com aquela expedição de Vasco da Gama, no caso vertente o dia em que os seus navios haviam largado de Lisboa para a viagem que inaugurou o caminho marítimo para a Índia, em 1497. A alteração do Dia da Marinha, que nesse ano se celebrou no Porto, dois dias antes da inauguração da Expo'98 e cujo tema era os Oceanos, visava colocar a tónica na data em que se havia concretizado um dos feitos de maior relevância da história da humanidade. Consubstanciado na arte de bem servir Portugal, o Dia da Marinha celebra-se em cada ano numa localidade diferente, no continente ou nas regiões autónomas. Através de uma agenda que integra eventos de índole militar, operacional e cultural, visa o estreitar dos laços entre os portugueses e a sua Marinha, que se pretende holística, pronta, útil, focada, significativa e tecnologicamente avançada.

PATRONO

Em virtude de a divisa do Infante D. Henrique ser o lema da Marinha Portuguesa, todos os que nela servem são a título permanente exortados a desenvolver, de *motu proprio*, a tenacidade, o desejo, a vontade e o esforço pessoal de perfeição e de bem fazer, que eram apanágio do mentor dos descobrimentos e precursor da expansão marítima portuguesa.

Muito justamente, é o patrono da Escola Naval e do NRP *Sagres*, assim como figura de proa do seu principal navio-escola e *ex-libris*. Por conseguinte, muito embora não exista qualquer diploma legal ou determinação superior expressa nesse sentido, o Infante D. Henrique é o patrono da Marinha Portuguesa.

Foto SMOR Almeida de Carvalho



CRUZ DE CRISTO



A Cruz de Cristo era o símbolo da Ordem Militar homónima, fundada em 1317 por D. Dinis (1261-1325). Herdeira dos bens da Ordem dos Templários, formalmente abolida pelo Papa Clemente V (1305-1314) em 1312, prosseguiu o combate contra os mouros. Através da bula *Ad ea exquibus*, a 14 de março de 1319 o Papa João XXII (1316-1334) instituía formalmente a Ordem dos Cavaleiros de Nosso Senhor Jesus Cristo, vulgo Ordem de Cristo, atribuindo-lhe a regra de S. Bento. Um século mais tarde, a 25 de maio de 1420, o Infante D. Henrique era nomeado seu «*regedor e governador*», com o propósito de ampliar a sua influência política e religiosa, e, ao mesmo tempo, viabilizar as viagens de descobrimento e a expansão marítima protagonizada por Portugal. Em resultado da sua reiterada utilização nas velas dos navios portugueses durante séculos, assim como na fuselagem da aviação naval (1914-1952), retomada nos atuais helicópteros orgânicos em 1993, a Cruz de Cristo é manifestamente um símbolo da Marinha Portuguesa, constituindo o principal elemento distintivo do NRP *Sagres* e seu *ex-libris*. Tal como sucedia no anterior, a Cruz de Cristo também está patente no atual logotipo da Marinha Portuguesa.

EX-LIBRIS

A ascensão do NRP *Sagres* a *ex-libris* da Marinha Portuguesa constituiu um processo paulatino e inofismável, não existindo nenhuma outra Marinha no mundo que disponha de um navio que congregue em si tamanho simbolismo nacional. O nome encerra na sua raiz etimológica uma forte conotação com o caráter sagrado daquele mítico local, em virtude de os restos mortais de São Vicente aí próximo terem repousado, antes de D. Afonso Henriques os mandar trasladar para Lisboa, em 1173.

Em 2022, o navio cumpre 85 anos e seis décadas ao serviço de Portugal. Enquanto cadetes, todos os oficiais presentemente no ativo efetuaram, pelo menos, uma viagem a bordo deste lendário navio. Graças à perseverança dos mais altos decisores da Marinha Portuguesa, aliada à abnegação e entrega das respetivas

guarnições, extravasou a estrema institucional e ascendeu de *per se* a símbolo de Portugal. É a unidade mais condecorada da Marinha Portuguesa e o único navio que ostenta condecorações estrangeiras no respetivo estandarte nacional. Em virtude de exaltar o nosso passado glorioso de nação marítima e percursora da globalização, o NRP *Sagres* ocupa um lugar particular no imaginário dos portugueses. Trata-se, em suma, de um navio intemporal que está muito para além da nossa singela existência, um navio que é uma lenda viva e alimenta o nosso imaginário coletivo, um navio que pelo seu simbolismo a todos transcende enquanto portugueses.



Foto CFR António Gonçalves

Pela reiterada e incondicional ação ao serviço de Portugal e dos portugueses desde os primórdios da nacionalidade, a Marinha Portuguesa revelou-se historicamente determinante, socialmente estruturante e culturalmente relevante, legado que inspira todos os que nela têm a honra e o privilégio de servir.

«Nós somos, na verdade, os da Marinha. Aqueles que têm o privilégio de passar noites infernais sob tormentas, sem um queixume e, sobretudo, sem que ninguém pense que pode ser pago em moedas tão imaterial sacrifício. Aqueles que dia-a-dia aprendem a lealmente lutar com mares e ventos; que podem, em toda a sua magnitude, sentir a dureza e fragilidade da vida; que preferem ao conforto o risco, a miséria ao luxo, a honra ao dinheiro. Nada nos devem os senhores da terra. Gozamos destes estranhos prazeres que a eles são vedados, agradecidos à nossa boa estrela que nos fez marinheiros.»

CTEN Sarmento Rodrigues



António Gonçalves
CFR

ACADEMIA DE MARINHA

COLÓQUIO “O MAR: TRADIÇÕES E DESAFIOS”



O Mar foi e é um espaço de encontro entre os povos que nele procuraram e procuram o seu sustento, explorando os seus recursos naturais. As diferentes comunidades que se estabeleceram nas suas ilhas e margens, pescaram nas suas águas, utilizaram-no como vias de comunicação, desenvolveram diferentes vivências, criando tradições distintas e duradouras.

Neste contexto e enquadrado nas comemorações do Dia da Marinha de 2022, que se realizaram na cidade de Faro, foi organizado, em 20 de maio, um encontro científico com a Universidade do Algarve (UALG). Tratou-se do colóquio subordinado ao tema “O Mar: Tradições e Desafios”, cujo objetivo foi o debate em torno do conhecimento do Mar e da importância das várias Marinhas ao longo dos tempos, bem refletido ao longo de várias comunicações.

O encontro científico decorreu no Auditório Verde (edifício 8) da Universidade do Algarve, no Campus de Gambelas. A sessão de abertura foi presidida pelo CEMA/AMN, ALM Henrique Passaláqua Gouveia e Melo, e pelo Reitor da UALG, Prof. Doutor Paulo Manuel Roque Águas, e contou com a presença do Presidente da Câmara Municipal de Faro, Dr. Rogério Bacalhau.

Ocasão ainda para a assinatura de protocolos entre a UALG e a Marinha; um de âmbito geral e três mais específicos (na foto, com o IH).

O colóquio teve quatro painéis, subordinados aos seguintes temas:

1. O Mar: Desafios de todos os tempos, tendo sido moderador Óscar Ferreira, professor associado do Centro de Investigação Marinha e Ambiental da UALG.

2. O Mar: Desafios da atualidade, tendo sido moderadora a académica Ana Paula Avelar.

3. O Mar: Tradições – uma visão cultural, tendo sido moderador Manuel Célio da Conceição, professor associado do Centro de Investigação em Artes e Comunicação da UALG.

4. A maritimidade em debate: da investigação e do ensino aos seus desafios plurais, mesa redonda sendo moderador o académico Jorge Pinho d’ Almeida.

A Vice-Reitora da UALG, Prof. Doutora Alexandra Teodósio, presidiu ao encerramento do Colóquio, cujas palavras finais foram proferidas pelo Presidente da Academia de Marinha, Almirante Francisco Vidal Abreu, que salientou ter “esperança de que estes pequenos contributos, a que agregámos os maiores especialistas, se vão somando vindo a constituir-se num movimento mobilizador para que Portugal e principalmente os seus responsáveis políticos, acreditem na importância estratégica do mar e a elejam como real prioridade nacional”.

Seguiu-se uma atuação do Quinteto Clássico da Banda da Armada.



Fotos SAJ A Ferreira Dias

CIBERSEGURANÇA EM PORTUGAL E RESPETIVAS POLÍTICAS PÚBLICAS

Em mais uma associação às comemorações do Dia da Marinha, a Academia de Marinha assinalou a efeméride na primeira terça-feira após o dia 20 de maio, numa Sessão Solene presidida pelo CEMA/AMN, ALM Almirante Henrique Gouveia e Melo.

A solenidade concedida por esta presença, bem como a data evocada – a da chegada da armada de Vasco da Gama às costas do Malabar – fazem desta a oportunidade perfeita para reconhecer e distinguir publicamente aqueles que se dedicam à missão da Marinha e da sua Academia.

Foi precisamente a isso que o Auditório da Academia assistiu, através da atribuição da Medalha da Cruz Naval de 1.ª Classe ao Académico José Pires de Lima que, ao longo de mais de 50 anos de ligação e colaboração com a Marinha, seja como oficial da

Reserva Naval, como secretário-geral da Associação de Oficiais da Reserva Naval, como Académico desta Academia ou com o recurso à sua produção literária, demonstrou sempre empenho, dedicação e entrega à preservação da memória da Marinha.

Finda esta pequena cerimónia, teve início a sessão solene que este ano ficou a cargo do CALM António Gameiro Marques, Diretor-geral do Gabinete Nacional de Segurança (GNS), e que trouxe ao Auditório da Academia um tema de grande importância e atualidade, com a apresentação da comunicação «Cibersegurança em Portugal e respetivas políticas públicas».

A importância e atualidade deste tema advém da particularidade dos tempos em que vivemos, os quais o almirante Gameiro Marques apelidou de “tempos de mentira”, em que a promoção

e manutenção da confiança são objetivos primários do GNS.

Mas, no encaço de ataques ainda frescos na nossa memória, representados nos indicadores operacionais que demonstraram os diferentes níveis de preparação das nossas empresas e instituições, como é que se suscita essa confiança?

É aqui que entra a necessidade de políticas públicas, que em Portugal assentam na Estratégia Nacional de Segurança do Ciberespaço, bem como nos instrumentos de monitorização e avaliação da sua implementação, e de transparência.

Importantes são, também, as diretivas europeias (e.g. Diretiva SRI/NIS (2016)) e a legislação nacional (Lei n.º 46/2018), que estabelece o regime jurídico da segurança do ciberespaço e os seus elementos de governação.

Além destes pilares, que sustentam o aparelho nacional de cibersegurança, o almirante Gameiro Marques apresentou, ainda, outras iniciativas que visam a uma maior participação da sociedade nesta matéria, como a rede *Computer Security Incident Response Team* (CSIRT), que reúne um conjunto de organismos e empresas públicos e privados, com o intuito de estabelecer laços de confiança entre elementos responsáveis e criar os instrumentos necessários à prevenção e resposta rápida, promovendo uma cultura de segurança.

Foram ainda apresentadas outras práticas e projetos, como o selo de maturidade digital, sendo lançado o repto perante o Almirante CEMA/AMN para que a Marinha se torne uma das primeiras entidades a conseguir esta distinção.

Terminando, o CALM Gameiro Marques apresentou alguns dos projetos futuros, promovidos pelo GNS, tendo em vista a promoção da cibersegurança e a capacitação das pessoas, procurando cimentar a confiança através do conhecimento e da prevenção.

Ao longo da sua apresentação, o Almirante Gameiro Marques deixou bem claro que é necessário continuar a investir na formação, na sensibilização e na capacitação das pessoas, procurando humanizar a tecnologia, de forma a minorizar os riscos. A segurança depende de todos nós, os utilizadores, em especial das tecnologias da informação.



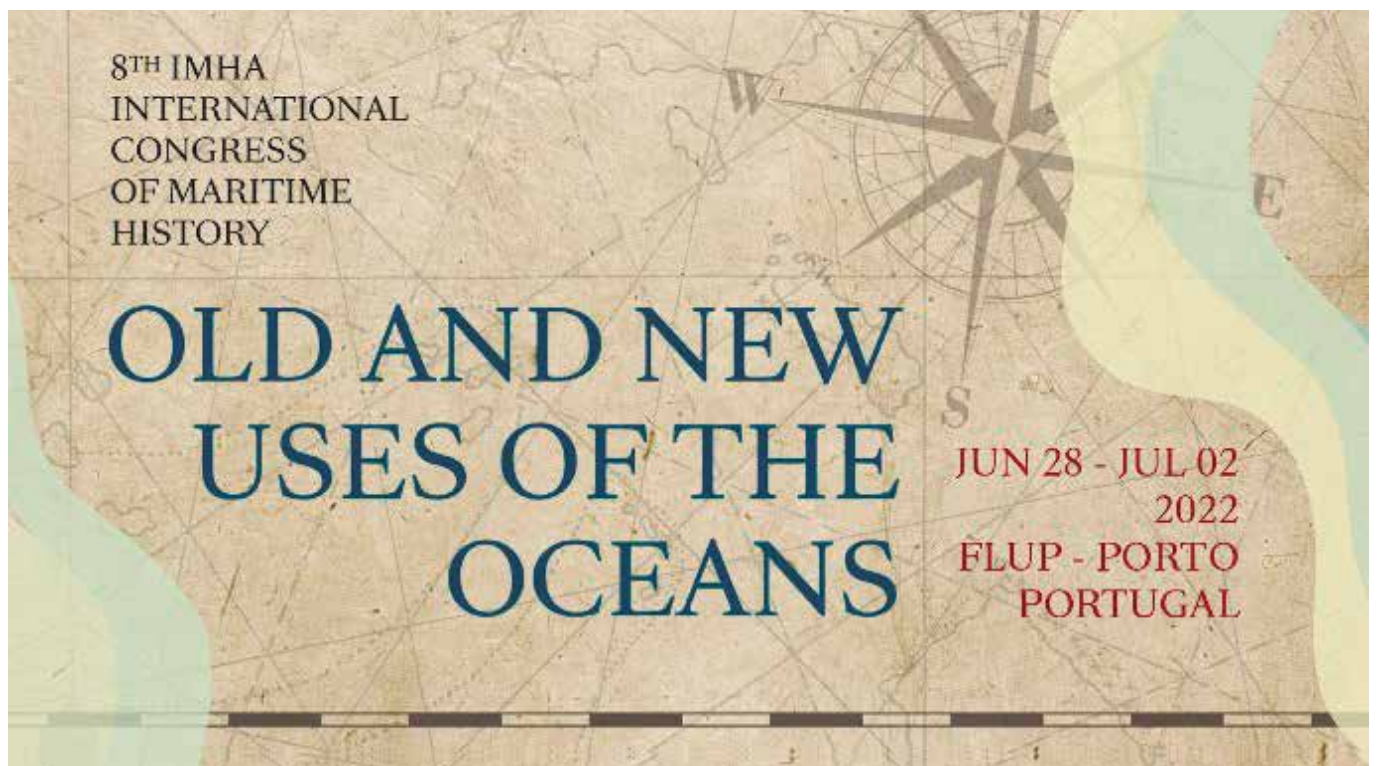
O Académico Engº Pires de Lima, Ex-oficial da Reserva Naval.



CALM Gameiro Marques.



Colaboração da **ACADEMIA DE MARINHA**



MUSEU RAMALHO ORTIGÃO

As comemorações do Dia da Marinha tiveram lugar na cidade algarvia de Faro, entre os dias 19 e 22 de maio. No âmbito das comemorações foi programada uma série de visitas guiadas ao Museu Marítimo “Almirante Ramalho Ortigão”, um dos mais antigos do país e, atualmente, sediado nas instalações do Departamento Marítimo do Sul.

COLEÇÕES

O Museu foi criado em 4 de janeiro de 1889, com o apoio do então ministro das Obras Públicas, Comércio e Indústria, Conselheiro Emídio Júlio Navarro e tinha por objetivo acolher o acervo do antigo Museu Industrial Marítimo, que fazia parte da Escola Industrial Pedro Nunes.

Da exposição permanente destaca-se a interessante coleção de modelos de redes, armações, aparelhos e barcos de pesca, peças essas estudadas pelo distinto Oficial da Armada e Engenheiro Hidrógrafo António Artur Baldaque da Silva, que também interveio na construção de algumas delas.

O Comandante Baldaque da Silva desenvolveu, desde cedo, trabalhos na área da hidrografia; tendo navegado, durante alguns anos, pela costa continental portuguesa, apercebeu-se da enorme diversidade de artes de pesca e embarcações tradicionais portuguesas. Esse conhecimento motivou-o a estudar com detalhe este vasto património, e a equacionar formas de o preservar.

As coleções que recolheu, únicas no país, ganharam notoriedade e foram mesmo incluídas:

- Na exposição portuguesa do IV Centenário do Descobrimento da América (1892-1893), em Espanha; e
- Na Exposição Universal de Paris, em 1900.

Esse acervo é entregue, em 1916, à Escola de Alunos Marinheiros do Sul, onde permanece até 1929. Por proposta do Oficial de Marinha Fonseca Benevides, a coleção é adquirida pelo Governo, tendo ficado depositada na sede do Departamento Marítimo do Sul.

A coleção foi gradualmente enriquecida nos anos seguintes. Em 1964, o Comandante Ramalho Ortigão desenvolveu um importante trabalho de acautelamento, reorganização e instalação da exposição do Museu no edifício atual do Departamento Marítimo do Sul.

SALAS

O tema principal do Museu é “A vida marítima dos pescadores do Algarve” e está dividido em 3 salas que se interligam entre si:

- A sala “Baldaque da Silva”, em homenagem ao grande organizador das coleções dos modelos de redes e barcos de pesca;
- A sala “Lyster Franco”, em homenagem ao pintor que ofereceu três telas da sua autoria ao Museu e tanto labor investiu no restauro doutros quadros; e
- A sala “Manuel Bivar”, em homenagem ao engenheiro agrónomo farenses, cuja curiosidade e amor às *coisas* de Marinha levou à construção, pelo próprio, de vários modelos, cedidos ao Museu pelos seus filhos.

O Museu inclui, ainda, numerosas peças relacionadas diretamente com a vida no mar, tais como os instrumentos, aparelhos e material de bordo, modelos de construção naval e modelos de máquinas, artes e utensílios de pesca, barcos



Fotos SAJA Ferreira Dias

de pesca, quadros com temáticas marítimas - representando os peixes, moluscos e crustáceos mais importantes da fauna marítima portuguesa – e muitos modelos de embarcações.

DM22

No dia 19 de maio, o Museu foi visitado pelo CEMA, ALM Gouveia e Melo. Foram promovidas visitas livres ao público nos dias 20, 21 e 22. De salientar o relevante contributo da Técnica do Departamento, D. Fernanda Guerreiro, que detém um conhecimento profundo do seu acervo e zela pela preservação da exposição.

A história deste Museu foi alvo de uma comunicação pelo 1TEN Gonçalves Neves (professor de História Naval na Escola Naval) no colóquio “O Mar: Tradições e Desafios” na Universidade do Algarve. Foi destacado o contributo dos Comandantes Baldaque da Silva e Fonseca Benevides na origem da coleção do Museu, e na reorganização da coleção.



AÇORES



O Comando da Zona Marítima dos Açores (CZMA) assinalou o aniversário da Marinha Portuguesa com a realização de diversas atividades e eventos militares, desportivos, culturais e religiosos, com especial incidência no período de 13 a 24 de maio, mas com algumas iniciativas a estenderem-se até dia 18 de junho, todas de acesso livre a quem se quis associar à Marinha na celebração do seu dia.

A atividade religiosa das comemorações teve o seu ponto alto com a Missa de Sufrágio, no dia 15 de maio, na igreja de S. José em Ponta Delgada, em homenagem a todos os militares da Marinha que estiveram e estão ao serviço do país. A Homilia foi celebrada pelo Administrador Diocesano de Angra, Cónego Hélder Manuel de Sousa Mendes, em representação do Bispo Emérito Dom António de Sousa Braga, tendo contado com a presença de diversas entidades militares e civis regionais e locais, e de muitos populares, o que traduz o apreço e carinho dos açorianos pela sua Marinha.

No dia 20 de maio realizou-se uma cerimónia militar, de deposição de uma coroa de flores em honra aos Marinheiros que pereceram em combate e de todos os militares, militarizados e civis da Marinha entretanto falecidos, no Monumento aos Marinheiros Mortos na Primeira Grande Guerra, junto à Muralha do Forte de São Brás, em Ponta Delgada. Na ocasião, o Padre Duarte Manuel Espírito Santo de Melo, Pároco da Igreja de São José, proferiu uma singela oração.

No campo cultural esteve disponível um roteiro que contou com quatro exposições:

- A da “Marinha nos Açores”, de 13 a 24 de maio, no Aeroporto João Paulo II, alusiva às unidades da Marinha situadas na Região Autónoma dos Açores e às ações desenvolvidas no Arquipélago e em toda a sua extensa área marítima.
- A “Peças de Museu”, no Centro Comercial Parque Atlântico, com o intuito de proporcionar, numa jornada visual entre painéis, maquetes e artigos históricos, uma viagem no tempo.
- A do “Assinalamento Marítimo”, no Clube Naval de Ponta Delgada, que ofereceu uma perspetiva da evolução histórica dos faróis.
- O circuito expositivo pelo acervo de peças do Museu Carlos Machado, de 24 de maio a 18 de junho, celebrando o mar e os feitos marítimos dos portugueses.

E porque Portugal é mar, foi também no mar, com a realização de diversas atividades náuticas, que se celebrou este dia de grande significado histórico para o país. Alertando para a poluição marinha e sensibilizando a comunidade, foram realizadas ações de limpeza de praias e limpezas subaquáticas em vários locais do Arquipélago dos Açores, nos dias 14, 19, 20 e 21 de maio, com o envolvimento de cerca de 700 alunos de diversas escolas.

As seguintes provas náuticas “Dia da Marinha” e “batismos de mar” (com o intuito de trazer os açorianos ao mar) tiveram lugar:

- Na Povoação, uma regata coorganizada com o Clube Naval local.
- Na Vila do Porto, um passeio de bote baleeiro e uma regata, em cooperação com o Clube Naval de Santa Maria.
- Na Horta, uma regata e uma prova de canoagem, em cooperação com o Clube Naval local.
- Em Angra do Heroísmo, uma regata coorganizada com o Angra late Clube e uma prova de canoagem e “batismos” em cooperação com o Clube Náutico de Angra do Heroísmo.
- Em Ponta Delgada, uma regata coorganizada com o Clube Naval local e “batismos” em colaboração com a Capitania do Porto de Ponta Delgada.

Permitindo a experiência e diversão nas modalidades náuticas disponíveis nos clubes, ocorreu ainda o Dia Aberto no dia 15 de maio no Clube Náutico de Angra do Heroísmo, no dia 21 de maio no Clube Naval da Povoação, e nos dias 21 e 22 no Clube Naval de Ponta Delgada.

O êxito desta comemoração contou com a inestimável colaboração das Direções Regionais da Educação e Administração Educativa, Políticas Marítimas e do Turismo, dos Aeroportos dos Açores, do Museu Carlos Machado, do Centro Comercial Parque Atlântico, dos Clubes Navais de Ponta Delgada, de Santa Maria, e da Horta, do Clube Náutico de Angra do Heroísmo, do Angra late Clube, da Portos dos Açores, S.A., da Paróquia de São José, da empresa Best Spot Azores, bem como, com o forte empenho de todo o pessoal militar, militarizado e civil que presta serviço no CZMA, no Centro de Comunicações dos Açores, no Depósito POL NATO de Ponta Delgada e na Autoridade Marítima Nacional dos Açores.

Colaboração do **COMANDO DA ZONA MARÍTIMA DOS AÇORES**

CNOCA

O Clube Náutico dos Oficiais e Cadetes da Armada (CNOCA) retomou a longa tradição de participação nas comemorações do Dia da Marinha. Após dois anos de atividade muito reduzida, motivada pelas limitações impostas pela COVID-19, foi evidente o entusiasmo com que, associados, familiares e amigos do CNOCA, participaram nas diversas atividades.

No período de 14 a 26 de maio, além das tradicionais regatas de vela de cruzeiros, vela ligeira e do torneio de golfe, realizaram-se, ainda, uma experiência aberta de canoagem, um minitorneio de rugby, demonstração de regatas de modelismo à vela e uma simultânea de xadrez. Envolvidos mais de 250 atletas e treinadores das diversas modalidades desportivas, em provas privadas e do calendário nacional.



VELA DE CRUZEIRO

A regata de cruzeiros realizou-se no dia 14 de maio e encheu o Mar da Palha com 27 veleiros das classes ANC-A, ANC-B, ANC- e ANC-E. Com a primeira boia junto ao farol de Cacilhas, esta regata formou, no rio, um quadro fantástico, cheio de velas dos grandes veleiros, que, então, subiram o rio até Braço de Prata, para depois descerem até Ponte 25 de abril. Em ANC-A venceu o veleiro FUNBEL – NACEX, em representação da Associação Naval de Lisboa (ANL), em ANC-B o BREZE, do Yacht Clube Portugal, em ANC-D o COCO LOCO, do Club Sport Pedrouços, e em ANC-E o BARBA RIJA, da ANL.



VELA LIGEIRA

Nos dias 14 e 15 realizaram-se as provas Dia da Marinha 2022, para as classes Optimist, ILCA e SNIPE, totalizando 87 barcos e 93 atletas. Para a classe Optimist, os 1^{os} lugares, feminino e masculino, foram atribuídos, respetivamente, à Mariana Pinto e ao Diogo Santos, ambos do Clube Naval de Portimão.

Na classe ILCA 4, o 1^{os} lugares foram atribuídos à Sofia Trovão, da Associação Náutica do Seixal, e ao Ricardo Plácido, do CNOCA. Já em ILCA 6/7, a vitória foi para o João Ricardo Santos da Clube de Vela do Sado.



Em SNIPE, o 1º lugar foi para a dupla António Baptista / Rodrigo Ouro.

Durante a semana, as atividades de vela ligeira continuaram com o estágio que antecedeu a Taça de Portugal da Classe Optimist – 2ª Prova de Apuramento Nacional (PAN) dos dias 20 a 22.

Na PAN, os lugares cimeiros foram para os atletas Miguel Plantier da ANL e Mariana Centeno do Clube Náutico de Tavira. Nesta prova, o atleta do CNOCA Guilherme Morais conseguiu o apuramento para o *2022 Optimist World Championship*, que se realizará na Turquia entre 27 de junho e 7 de julho próximos.

eREGATA

Nos dias 19 a 21 realizou-se o torneio de regatas virtuais, dando continuidade ao sucesso que esta modalidade teve em 2021, quando, pelas limitações impostas pela COVID-19, as atividades náuticas estavam muito limitadas. Contou-se com a participação de 46 atletas nacionais e 43 internacionais, demonstrando que esta modalidade, além da adesão à versão virtual da modalidade, constitui, também, um meio de treino e estudo da estratégia de regata para posterior aplicação no mar.

MODELISMO À VELA

Nos dias 14 e 15 realizaram-se várias regatas de demonstração, com o apoio da Associação Portuguesa de Modelismo à Vela. Nesta atividade estiveram envolvidos 17 Atletas e mais de 20 barcos das classes de IOM, DF65, DF95, Rg65 e Micro Magic.

Estas regatas constituíram-se como um veículo de demonstração da prática de vela rádio controle, tendo estado abertas a todos os que quiseram assistir e experimentar.

GOLFE



Em 26 de maio de 2022 realizou-se o XXVI Torneio de Golfe Dia da Marinha, no Belas Clube de Campo, contando com 68 jogadores, maioritariamente sócios do CNOCA. O 1º lugar Gross foi obtido por Carlos Valente, da Associação Nacional de Seniores, e o 1º lugar em Net foi ganho por Gennaro Pugliesi, do clube Aroeira. Na entrega de prémios foi feita uma homenagem, singela, a dois golfistas do CNOCA falecidos em 2022, os Comandantes Manuel Silvestre Correia e Rui Trigos.

RUGBY

No dia 14 realizou-se o primeiro Torneio de Rugby de 7 do CNOCA. Esta competição foi um marco importante, tendo sido a atividade de estreia da, recém-criada, secção de rugby do CNOCA

O rugby do CNOCA tem por objetivo, nesta fase embrionária, cativar os antigos praticantes e adeptos, à prática da modalidade, representando o clube e os seus valores. Constituiu-se, ainda, como fator de motivação para os cadetes, assegurando que têm possibilidade de continuar a disfrutar do rugby depois da conclusão da formação na Escola Naval.

O torneio contou com a presença de 11 atletas da equipa do CNOCA e 12 cadetes da equipa de rugby da Escola Naval. Graças a esses desportistas, foi possível realizar vários jogos de “sevens” que, acima de tudo, são um importante momento de convívio e descontração de que resultam fortes laços de união, respeito e camaradagem entre várias gerações de militares da Marinha. Fora das quatro linhas, numerosos e ruidosos elementos assistiram e “puxaram” pelas equipas ao longo do torneio.

No final do torneio, o seccionista do CNOCA, entregou o troféu à equipa vencedora, a Escola Naval, que se encontra de parabéns pela forma como jogaram e pelo espírito de união e carácter demonstrados ao longo dos jogos.



XADREZ

No dia 22 realizou-se uma demonstração de Xadrez, com o apoio da Câmara Municipal de Almada, e que contou com a presença do Mestre Fide João Leonardo. Durante a atividade foram realizadas diversas partidas, principalmente na modalidade de simultâneas.

Durante as partidas, o mestre João Leonardo deu asas ao seu entusiasmo e didatismo, explicando aos participantes algumas táticas para melhorarem o seu Xadrez.

No final, a Câmara Municipal de Almada ofereceu ao CNOCA diversos tabuleiros, constituindo um incentivo à prática da modalidade e à criação de um polo de formação e prática de Xadrez.



MADEIRA



As comemorações do Dia da Marinha na Região Autónoma da Madeira (RAM) tiveram lugar entre 20 e 22 de maio, compreendendo a realização de um conjunto de atividades de divulgação da missão da Marinha e dos órgãos regionais e locais da Autoridade Marítima Nacional, com o objetivo de promover uma ampla abertura à comunidade, e em especial, reforçar a ligação a todos aqueles que desenvolvem as suas atividades económicas e lúdicas no mar.

Nos dias 20, 21 e 22 de maio, os faróis da Ponta do Pargo e de São Jorge estiveram abertos a visitas, registando um total de 327 visitantes, sendo de realçar o interesse suscitado pelo dia-a-dia dos faroleiros, pelas características técnicas dos faróis e o papel imprescindível que conferem na área da segurança da navegação.

Na tarde do dia 20 de maio, concretizaram-se inúmeros

batismos de mar na embarcação Salva-Vidas Senhor Jesus das Chagas. Respondendo a um convite endereçado a 7 escolas de diversos concelhos da Região, cerca de 130 crianças, incluindo 3 turmas com necessidades educativas especiais, realizaram o seu primeiro embarque.

Ainda durante o dia 20 de maio, o navio NRP *Mondego* esteve aberto a visitas no Cais de Pesca do Porto do Funchal, registando um total de 198 visitantes que constataram, *in loco*, as capacidades operacionais e tecnológicas deste navio.

Terminadas as celebrações do Dia da Marinha na RAM, um agradecimento especial a todas as entidades, públicas e privadas, que se associaram às várias iniciativas levadas a efeito.



Colaboração do **COMANDO DA ZONA MARÍTIMA DA MADEIRA**

NÚCLEO DE RADIOAMADORES DA ARMADA



Após dois anos de interrupção forçada, devido à situação pandémica, o Núcleo de Radioamadores da Armada (NRA) retomou o seu habitual Concurso celebrando o Dia da Marinha.

O Concurso teve início às 09h00 (UTC) de 14 de maio e fim 24 horas depois, isto é, às 09h00 (UTC) do dia seguinte.

A Estação CS5NRA, localizada na nossa sede, foi operada pelos sócios CT7ARQ Pedro Almeida e CT2HQV Pedro Ramos e a título de convite CT1GFQ Carlos Fonseca, nas bandas dos 10, 20 e 40 metros em fonia, CW e modos digitais PSK 31.

Devido à longa paragem e alguma falta de propagação ionosférica a participação do Concurso, a nível global, ficou aquém das expectativas. Após uma reflexão sobre a experiência agora obtida, estamos convictos que os resultados do próximo ano serão melhores.



Colaboração do **NRA**



CT7ARQ Pedro Almeida operando a estação CS5NRA



MENSAGEM DO ALMIRANTE CEMA E AMN

Concluídas as cerimónias do Dia da Marinha 2022, este ano realizadas na cidade de Faro, reconheço com muito agrado e orgulho, a forma como, uma vez mais, soubemos abrir a Marinha à sociedade, dando oportunidade para conhecerem os valores que nos caracterizam.

Estou seguro que o conjunto de atividades desenvolvidas, em Faro e por todo o país, onde a Marinha está presente, proporcionou uma inesquecível divulgação do modo como, diariamente, protegemos e promovemos os interesses de Portugal no e através do mar.

Estas comemorações foram uma justa homenagem aos milhares de portugueses que, oriundos de Faro e da região do algarve, serviram e servem a pátria na Marinha. A forma amiga, calorosa e interessada como fomos recebidos, constituiu a melhor recompensa a que poderíamos aspirar.

Como vosso comandante, partilho convosco o enorme apreço, honra e satisfação pelo empenho, aprumo e dignidade demonstrados em todos os eventos, contribuindo para a visão de uma Marinha pronta e focada na sua missão de servir Portugal.



Henrique Eduardo Passaláqua de Gouveia e Melo

Almirante



Dia da Marinha
Faro 2022



OBRIGADO FARO

Por um Dia da Marinha inesquecível